



“O essencial na vida não é convencer ninguém, nem talvez isso seja possível, o que é preciso é que eles sejam nossos amigos. Para tal, seremos nós amigos deles; que forças hão de trabalhar o mundo se pusermos de parte a amizade?”

Agostinho da Silva



Cartaz feito pelos alunos do Jardim de Infância de Santo António sobre o dia da amizade.

Alterações Climáticas

Sexta-feira, 15 de Março de 2019. Um dia simbólico para o futuro do planeta Terra. Alunos de todas idades estiveram presentes naquela que foi uma das maiores greves mundiais dos últimos anos.

Páginas 14 e 15

Inspiring Future

Estás no 12º ano e não fazes ideia do rumo que vais dar à tua vida no próximo ano, quer isto implique ir para a faculdade ou não?

Página 17

Semana da Leitura

Os Nossos Livros na
Semana da Leitura.

Página 16

Os Nossos “Likes”

Gosto muito de...

Páginas 26 e 27



O Prémio Literário foi atribuído ao texto “Web Summit” escrito por Raquel Lopes, 12º ano.

Editorial

Orgulhamo-nos de querer estar sempre a par de tudo o que há de novo à nossa volta e de fazer tudo o que está ao nosso alcance para mudar o mundo, nem que isso implique apenas pequenos passos, à primeira vista, insignificantes, “Grão a grão enche a galinha o papo”.

Assim, desta maneira, apanhamos o papel que alguém deitou para o chão (sim, não fomos nós!), separamos o lixo doméstico, começamos a vir para a Escola de bicicleta e caminhamos pela nossa saúde, (nem que seja só ao domingo), ajudamos os outros, não excluimos ninguém, defendemos as vítimas de violência doméstica com um dia de luto nacional e, entre tantas coisas mais, lutamos pela igualdade de género (nem que seja só em cartazes e ppt's que fizemos na aula de Cidadania).

Hoje, como ontem, continuamos a falar de futuro, não de inteligência artificial, não de robôs e de carros telecomandados à distância, mas agora do futuro que temos que ter para poder usufruir de todo o progresso que apregoamos aos quatro ventos e que nos facilita a vida.

Não queremos ser moralistas, mas não podemos deixar de o ser. Não há vida, não há futuro, sem reverter o aquecimento global (que o digam os jovens que, respondendo ao apelo de Greta Thunberg, se manifestaram no dia 15 de março, acontecimento reportado pelos nossos alunos que deram conta disso nas páginas deste jornal). Não há vida, não há futuro se não nos respeitarmos e não respeitarmos os outros, os iguais a nós e aqueles que são diferentes, se não respeitarmos o ambiente e continuarmos à espera que outros o façam, de acordos fabulosos que só servem para embelezar a mesa das cimeiras organizadas com pompa e circunstância (“De boas intenções está o inferno cheio!”, retirando desta frase toda a carga ideológica que lhe queiram atribuir).

A mudança é urgente, mas todos temos que fazer alguma coisa, não são só os governos, cada um de nós (mesmo os jovens de que falámos) tem que cumprir o seu papel. Não podemos ficar só por manifestações de intenções, se não tudo não passa do politicamente correto, o que criticamos. Não temos mais tempo a perder e, por isso, é preciso gritar bem alto que estamos vigilantes e fazer a nossa parte, nem que seja apenas abrir a janela e deixar que o sol nos bata no rosto, porque “grão a grão enche a galinha o papo”.

As Coordenadoras

Nesta edição:

Momentos Reais	3 a 13
Alterações Climáticas	14 e 15
A Nossa Semana da Leitura	16
Inspiring Future	17
Cada Cabeça Sua Sentença	18 e 19
Os Nossos Artistas	20, 21 e 22
Os Nossos Poetas	23
CREM	24
SPO	25
Os Nossos “Likes”	26 e 27
Apontamentos	28



- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, Lucília Cid, Sarah Serra

COLABORAÇÃO: Augusta Crespo, Adriana Fernandes

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>

Autonomia e Flexibilidade

Muitos serão os testemunhos que poderemos encontrar neste primeiro ano de ensaio, no Agrupamento, dos DAC - Domínios de Autonomia Curricular - e da Cidadania e Desenvolvimento, duas áreas transversais às várias disciplinas e a todo o currículo.

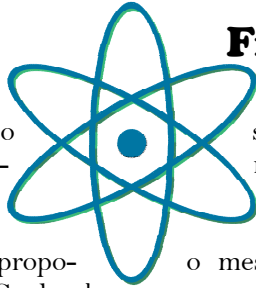
É muito novo? É pouco novo? É recuperar? É inovar? Não parece que seja isso que importa! Como habitualmente haverá opiniões a favor e contra, mas não podemos esquecer que o futuro está aí e que a complexidade das competências e saberes que amanhã serão exigidos aos alunos de hoje são diversas, múltiplas e complexas; algumas altamente complexas.

Seguramente junto de eventuais *Velhos do Restelo* encontraremos muitos exemplos dos que dão ânimo e esperança aos mais inseguros, outros que dão ideias e apoio aos menos ousados, outros ainda que estão na linha da frente, procurando fazer o que de melhor, enquanto professores, sabemos e conseguimos fazer: amparar caminhos, despertar curiosidades, fomentar o apreço pela diversidade e levar a descobrir.

Porque a descoberta do diferente e do semelhante, de nós e do que nos rodeia, será muitas vezes a chave do sucesso: sucesso dos nossos alunos e nosso, como profissionais e enquanto escola.

E com os dias grandes a chegar, temos muitas horas de luz natural para descobrir e apreciar! Arregaçamos as mangas e ... vamos lá?

A Direção



Física(em)mente

Regresso ao contacto com o meu caro Leitor, e utilizei o termo “contacto” propositadamente, uma vez que me proponho abordar a Lei de Coulomb. Esta Lei descreve a força elétrica que existe entre duas partículas com carga elétrica.

A ideia para esta crónica surgiu após as apresentações dos projetos dos alunos de Física, e também é fruto das perplexidades de alguns membros da comunidade educativa perante fenómenos relativos à Eletricidade.

Como é do conhecimento do meu Leitor, existem cargas elétricas positivas e cargas elétricas negativas, e quando duas cargas positivas, ou duas cargas negativas interagem, surge uma força de natureza repulsiva, ou seja as cargas afastam-se. Mas, se as cargas elétricas tiverem sinal contrário, surgem forças de natureza atrativa, e portanto as cargas aproximam-se.

Suponho que o meu caríssimo Leitor já estará a encolher os ombros e a pensar, ou a dizer, que também acontece assim entre as pessoas, ou face a determinadas situações. E é bem verdade, existem situações, ou pessoas, das quais tendemos a afastar-nos, pois parece que estamos sujeitos a forças entre cargas iguais, e pessoas e situações que, ao invés, favorecem uma aproximação.

No que diz respeito às pessoas, é bem verdade, somos mesmo iguais, no sentido em que temos a mesma dignidade de pessoas humanas e por isso o mesmo direito a ser respeitados enquanto tal. Mas, também sabemos que as relações humanas não são “apenas” interações elétricas, e portanto são relações que estão reguladas pela inteligência e pela vontade, e que, por serem humanas não poderão ser de natureza repulsiva pura, pois o que nos une é muito mais do que o que nos separa, e como somos inteligentes...tentamos solucionar os problemas!

Ainda por cima, a Lei de Coulomb diz que a força elétrica entre duas cargas é diretamente proporcional ao produto entre o módulo das cargas, e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre elas. Isto quer dizer que podemos minimizar as forças repulsivas aumentando um pouco a distância entre as “cargas”. E, podemos também, diminuir a carga que atribuímos, ou induzimos, a determinadas pessoas ou situações, minimizando assim a força que nos afasta delas.

Passando agora para o nível macroscópico, existe um processo que se designa por Eletrização por Atrito, em que os dois sistemas ficam com cargas opostas, e portanto...atraem-se. Curioso, mas sabemos que isto sucede connosco, após alguns “atritos”, e se trabalharmos

para as soluções, surgem forças atrativas.

Mas, quando nos parece que as forças são de repulsão, e portanto, afastam-nos, ainda podemos fazer algo mais, podemos estabelecer uma ligação à Terra.

Neste momento, o meu Leitor já suspira, e diz que desta vez é que ensandeci. Mas, peço-lhe um pouco mais de paciência Caríssimo Leitor!

O processo consiste em que o meu Leitor e eu, hipoteticamente, estamos carregados eletricamente com carga do mesmo sinal. Se temos cargas do mesmo sinal, afastamo-nos, a não ser que um de nós estabeleça uma “ligação à Terra”. Esta ligação processa-se do seguinte modo: estando nós a uma certa distância, e fazendo um de nós uma ligação ao fundamental, então há uma descarga para a Terra. Supondo que fui eu que “liguei à Terra” então fico com carga oposta à do meu Estimado Leitor, e as forças entre nós passarão a ser de natureza atrativa.

Esta solução é um tanto “criativa”, mas suponho que para efeitos desta Crónica, funciona. Despeço-me do meu Leitor, desejando-lhe uma Páscoa muito feliz, com muitas ligações à Terra, tantas quantas as necessárias!

MFM

Visita à Assembleia da República



No dia 21 de Janeiro, nós e a nossa turma, acompanhados pela professora Manuela Bastos e o professor Filipe Saldanha, visitámos a Assembleia da República.

Começámos por ouvir a história do Palácio de São Bento onde está atualmente instalado o Parlamento. Antes de albergar a Assembleia, o palácio constituía o Mosteiro de S. Bento da Saúde e também serviu de hospedaria, prisão, sepultura de estranhos, refúgio e até como Arquivo Nacional da Torre do Tombo, após o Terramoto de 1755. Eventualmente, após a revolução liberal de 1820 e a extinção das ordens liberais, o mosteiro deu lugar à Câmara dos Pares e à Câmara dos Deputados, das quais falaremos posteriormente.

Subimos a aclamada Escadaria Nobre e foi-nos dado a conhecer a sua história. Esta escadaria dá acesso à Sala das Sessões e à Sala do Senado através de portas ornamentadas com os brasões das capitais das províncias portuguesas: Lisboa, Porto, Braga, Viseu, Bragança, Faro, Évora e Castelo Branco. Do esplendoroso teto em abóboda, pende um ilustre e gigantesco candeeiro em ferro forjado (que pesa 1191kg!).

Seguidamente, na Sala do Senado, fomos cumprimentados pelo imponente retrato de D. Luís, rei português que insistiu na construção apressada desta sala, segundo alguns historiadores, devido à sua saúde decadente visto que morreu pouco

depois desta ser inaugurada. Foi esta a sala que acolheu a Câmara dos Pares, o que é evidenciado pelos oito bustos de alguns dos seus Presidentes. Em frente da mesa da presidência vimos um relógio que através das figuras de um galo e de um mocho simboliza a Vigilância e a Sabedoria. De momento, esta sala é utilizada para reuniões das comissões, trabalhos dos grupos parlamentares e até reuniões internacionais, já que está dotada de cabines para tradução simultânea. Também aqui são realizadas as sessões do Parlamento dos Jovens!

Posteriormente, passámos pelo Salão Nobre. Este salão foi arquitetado em 1940, como uma das grandes iniciativas político-culturais do Estado Novo. Assim, as grandes pinturas que adornam as suas paredes procuram exortar o amor à pátria através da exposição de episódios da expansão marítima portuguesa.

Antes de finalizarmos a visita na Sala das Sessões passámos pela Sala dos Passos Perdidos. O seu nome tem origem nos passos perdidos pelos membros do povo que lá aguardavam o fim das longas sessões parlamentares pela oportunidade de discutir os seus problemas e propostas com os deputados. Nos dias de hoje, esta sala funciona como uma sala de espera para jornalistas que procuram entrevistas.

Finalmente, chegámos à proclamada Sala das Sessões, que veio substituir a Sala do Senado, dado que esta

não satisfazia as necessidades da Câmara em termos de espaço. Até tivemos a oportunidade de nos sentar nas cadeiras dos deputados!

No centro do semicírculo encontra-se a mesa da Assembleia da República. Esta tem lugar para o Presidente da Assembleia, quatro Vice-Presidentes, quatro Secretários e quatro Vice-Secretários. Os deputados dispõem-se em semicírculo, agrupados por partido, para discutir os projetos e propostas de lei. O governo também se faz representar nesta sala, especificamente nas reuniões plenárias, realizadas geralmente 3 vezes por semana.

Ao conhecer mais aprofundadamente o parlamento de São Bento, apreendemos em primeira mão a sua imponência e importância – não só testemunhamos a majestosa arquitetura do edifício, como também o reconhecemos como o elemento fulcral do modelo político do nosso país.

**Cármem, Catarina e Matilde,
11ºano**



Parlamento dos Jovens

Após a divulgação do Programa Parlamento dos Jovens pelas turmas do Ensino Secundário, iniciou-se a campanha eleitoral (através de cartazes, sessões de esclarecimento nas turmas e das redes sociais) e realizaram-se debates entre as listas concorrentes: A, B e C (que eram compostas, maioritariamente, por alunos do 12º 9).

No dia 21 de janeiro decorreram as eleições tendo-se registado uma participação significativa e a vitória da lista C. Seguidamente, no dia 23 de janeiro, realizou-se uma Assembleia Escolar (com os deputados eleitos) tendo sido eleitos um candidato à Presidência da Mesa da Sessão Distrital (Pedro Castro do 10º 9ª) e dois deputados (mais um suplente) à Sessão Distrital (Rita Martins, Gabriel Rodrigues, Afonso Boavida do 12º 9ª). Foi ainda aprovado o Projeto de Recomendação da Escola (que pode ser consultado em anexo).

A Sessão Distrital do Parlamento dos Jovens realizou-se no dia 26 de fevereiro, no Centro de Congressos de Moscavide, onde inicialmente, cada Escola apresentou e defendeu as medidas que constavam dos seus Projetos de Recomendação. Infelizmente, depois de um largo debate entre as várias Escolas do distrito, as propostas da nossa Escola não foram as escolhidas para serem apresentadas na Assembleia da República. No entanto, na proposta final que foi

aprovada no fim do dia de trabalho, surgia a necessidade de reduzir a produção pecuária, proposta essa defendida também pela nossa Escola.

Perguntámos aos nossos deputados o que acharam deste Programa e responderam que o tema deste ano (As Alterações Climáticas) é um tema que preocupa muito os jovens deste país e que esta «é, sem dúvida, uma iniciativa bastante interessante, que desperta nos jovens a necessidade de participar ativamente na política» e que «esta é também uma forma de fazer ouvir os jovens portugueses e as suas preocupações para com o futuro».

Gabriel Rodrigues, 12º ano

Projeto de Recomendação da Escola Secundária Rainha Dona Leonor (elaborado na Sessão Escolar e apresentado na Sessão Regional do Parlamento dos Jovens)

1. Diminuição do IRC para empresas com projetos amigos do ambiente, bem como a criação de uma Comissão dentro do Ministério do Ambiente que se dedique a analisar o que as empresas podem fazer para melhorar a nível ecológico promovendo, nomeadamente, a autossuficiência energética baseada em fontes renováveis.

2. Revisão da legislação relativa ao ordenamento do património florestal,

através da criação de um novo programa que assegure um controlo mais apertado da reflorestação (alicerçado num estudo rigoroso feito à escala nacional que delimite as áreas apropriadas para os diversos tipos de árvore) prevenindo, assim, os incêndios florestais, através da utilização de espécies autóctones e da limitação/eliminação de culturas intensivas de eucaliptos e pinheiros-bravos.

3. Aumento do investimento (público e privado) na agricultura biológica, em negócios dedicados a produtos alimentícios alternativos à pecuária e na formação de técnicos especializados em criar/apoiar projetos sustentáveis e com boas práticas ambientais.



Marisa Matias Veio à Escola



No dia 22 de Fevereiro, no âmbito do Programa Pedagógico Escola Embaixadora do Parlamento Europeu, a eurodeputada, pelo Bloco de

Esquerda, **Marisa Matias** deslocou-se à Escola Secundária Rainha Dona Leonor para uma palestra/debate com alunos do Secundário.

A sessão, que decorreu no Auditório da Escola, começou com uma breve apresentação pela professora Ana Oliveira, seguida de uma pequena introdução feita pela própria deputada. No restante tempo, os alunos (do 11º 6ª; 12º 2ª; 12º 3ª; 12º 6ª; 12º 9ª) tiveram a oportunidade de colocar as suas perguntas à eurodeputada. Entre os temas abordados estão a igualdade de género, a xenofobia, o racismo, o percurso da eurodeputada desde a entrada na política até aos dias de hoje, a importância do voto, entre muitos outros.

No final, uma das alunas mencionou a greve estudantil pelo clima que irá decorrer no dia 15 de Março, pedindo a opinião da deputada. Em resposta à aluna, Marisa Matias elogiou a iniciativa dos estudantes, lembrando os movimentos cívicos em que se envolveu desde jovem.

A palestra/debate revelou-se bastante produtiva e interessante, pois os alunos ficaram a conhecer melhor o trabalho dos deputados no Parlamento Europeu, expressaram as suas dúvidas e opiniões e foram sensibilizados para a importância de serem cidadãos ativos.

Matilde Freitas, 12º ano

Visita de Estudo ao Auditório de Santa Joana Princesa

Todas as turmas do 9º ano da Escola Secundária Rainha Dona Leonor foram ao teatro ver a peça de Gil Vicente *Auto da Barca do Inferno*, no dia 18 de janeiro de 2019.

Os atores representavam mais do que uma personagem, exceto no caso do Diabo e do Anjo.

A parte mais engraçada foi quando o Companheiro chamou ao palco o nosso colega Afonso Leal

para limpar o chão do palco.

As personagens que mais nos divertiram foram o Parvo e o Diabo, porque nos fizeram rir com as suas falas e personalidades.

A interpretação do Diabo destacou-se, uma vez que se tratava de uma personagem presente em cena do início ao fim da peça e com muitas intervenções. Era realmente cativante!

9º3



Shakespeare - "A Midsummer Night's Dream"

The theatre play that various secondary students watched on 27th February at the school auditorium was an abridged version of "A Midsummer Night's Dream", written by William Shakespeare, an internationally recognised British playwright, who lived in the XV and XVI centuries.

The cast was composed of one actor and two actresses who played, respectively, the parts of Shakespeare, his assistant and Queen Elizabeth.

As it was an interactive play, some students, including me, were

asked to participate, performing the characters of "A Midsummer Night's Dream".

When we were already on the stage and the actors were distributing the roles among the students, one of the actresses told me that I would be getting the best part.

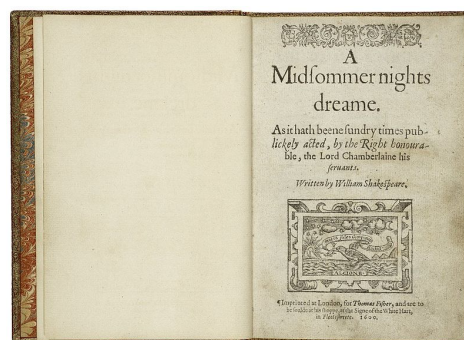
At the beginning I was surprised but then I quickly understood why she had said that, when she handed me a donkey head that I had to wear throughout the play!

Overall speaking it was a good performance and the actors were amazing, playing their roles.

As for me, the opportunity I was

given to participate in this play was definitely an unforgettable experience.

António Melo, 10º ano



Pensar o Mundo no Museu Bordalo Pinheiro

No dia 16 de janeiro, o 12º 9ª participou numa Visita de Estudo ao Museu Bordalo Pinheiro.

Numa primeira parte da Visita, observámos obras de Rafael Bordalo



Pinheiro devidamente explicadas pela guia, Liliana Pina. Através das suas explicações, foi possível compreender o carácter crítico e satírico das obras deste artista, especialmente nas obras onde a figura do Zé Povinho se encontra em destaque. Apesar da diversidade das obras observadas, desde a cerâmica às caricaturas nos jornais da época, a figura do Zé Povinho é, sem dúvida, uma das partes mais curiosas da visita, pois não só personifica o povo português como também nos permite conhecer (de uma forma crítica) a realidade político-social durante a Monarquia Constitucional. A obra de Bordalo, para lá do seu enorme valor estético, também ilustra, assim, toda uma época.

Na segunda fase da Visita, a turma dirigiu-se a outro espaço para a oficina "O Manguito como gesto filosófico". A turma foi dividida

em grupos com o objetivo de cada grupo associar as obras de Bordalo a conceitos como igualdade, liberdade e, de seguida, criar uma narrativa em torno desses conceitos e obras. Após a apresentação do trabalho de cada grupo, seguiu-se sempre um debate que, obviamente, estabeleceu pontes entre a época em que Bordalo viveu e a atualidade, nomeadamente em torno de temas como a igualdade de género, a liberdade de expressão e a educação.

Esta Visita foi muito interessante, quer em termos de aprendizagem histórica, quer em termos de debate sobre temas da atualidade.

Como jovem, considero fundamentais, para a nossa formação, estes momentos de reflexão e de debate de ideias.

Rita Martins, 12º ano

Dia Aberto no IGOT- Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



No dia 7 de janeiro, os alunos do 11^o, 11^o8^o e 11^o9^o da Escola Rainha D. Leonor participaram no dia aberto no IGOT- Instituto de Geografia e Ordenamento do Território na Universidade de Lisboa no âmbito da disciplina de Geografia. Foram acompanhados pelos professores José António Baptista, Eduarda Pina, Carlos Fontes, Manuela Ramos, Lurdes Pequeto e Elsa Pinhão.

“Tivemos a oportunidade de assistir a três palestras que abordaram temas muito atuais, importantes e interessantes, não apenas para o nosso futuro profissional, mas também para o nosso crescimento enquanto cidadãos deste mundo em constante evolução. A primeira palestra teve como principal objetivo dar-nos a conhecer o IGOT, tratando-se de uma apresentação da sua missão, objetivos e saídas profissionais das diferentes licenciaturas que possuem.

Ficamos a saber um pouco mais sobre o papel da Geografia na sociedade. o papel dos geógrafos que estabelecem uma ligação entre as ciências sociais e naturais, estudando as constantes alterações de ambas e procurando criar condições, para as comunidades se tornarem mais autossuficientes, sustentáveis e funcionais.

Na segunda palestra intitulada “Riscos” falou-se no papel desta disciplina no auxílio e prevenção de catástrofes, ou seja, através da monitorização e análise de dados estatísticos, de catástrofes ocorridas, podem-se prever as próximas e mitigar as suas consequências. No entanto, estas previsões são apenas isso, previsões espaciais e temporais. Ocorreram um elevado número de mortes em Portugal Continental na cheia do Tejo em 1967, depois, durante a vaga de calor em 2003 e recentemente nos incêndios de Pedrogão.

A apresentação terminou com o tema das secas, onde o que mais me chamou à atenção foi o facto de num futuro próximo ser mais provável que as chuvas sejam menos distribuídas ao longo do ano e no país, dando origem a mais cheias rápidas, assim como à erosão dos solos e desertificação. Consequentemente, serão cada vez mais frequentes as secas, não só no verão, mais sim ao longo de todo o ano.”

Catarina Mendes, 11^o ano

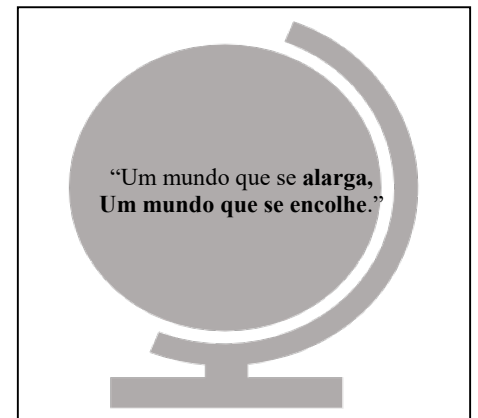
Na palestra final, assistimos a uma apresentação sobre as Smart Cities: novas metodologias para estudar a

mobilidade humana”, tendo sido indicados alguns dos problemas das cidades atuais e analisadas as diferentes fases industriais e o seu impacto nas cidades. Inteiramo-nos, também, das consequências que a globalização da informação e da tecnologia nos trouxeram, tais como a falta de privacidade e de veracidade nos conteúdos pesquisados.

No futuro, ir-se-á utilizar gadgets que permitam, através do uso da geotecnologia, obter dados acerca do indivíduo que os utiliza e, simultaneamente, do estado do ambiente em que o mesmo se encontra, usando o Big Data (volume, variedade, veracidade e velocidade). Para além desta nova tecnologia, as plataformas digitais funcionarão como novas formas de organização da economia e inovação das cidades futuristas. Contudo, esta nova abordagem, apesar de conseguir resolver muitos dos problemas atuais, irá criar novos desafios.

Íris Marques, Mafalda Carvalho,

11^o ano



Semana Branca 2019



Pela 24^a vez o Rainha foi à neve! Pela 24^a vez proporcionou uma experiência inesquecível aos seus alunos, cheia de momentos e umas quantas quedas para recordar!

A neve, apesar de pouca este ano, deslumbrou todos novamente, com o seu brilho e textura. A sua alvura cobriu como um manto as montanhas e fez-nos sentir como se estivéssemos no céu.

Esta viagem é enriquecedora, não

só pela experiência mas também pelo que se pode ver e acima de tudo viver. O esqui não faz distinção entre as idades, todos os podemos calçar e desfrutar.

Por fim, a Semana Branca combina o desporto com a amizade mas também a aventura e muita adrenalina!

Matilde Oliveira e

Joana Roseira, 11^o ano

Vestidos de Verde pelo St. Patrick's

A Escola Eugénio dos Santos tem patente, no seu átrio, uma exposição subordinada ao Saint Patrick's Day (Dia de São Patrício) que se comemora a 17 de março. No âmbito da disciplina de Inglês, os alunos realizaram trabalhos sobre esta celebração em honra de São Patrício, o padroeiro da Irlanda. O Saint Patrick's Day, que assinala o dia da morte de São Patrício, popularizou-se um pouco por todo o mundo, em particular nos países de língua oficial inglesa. O Saint Patrick's tem maior expressão na Irlanda, Reino Unido e em Nova Iorque, onde reside uma vasta comunidade com origens irlandesas. No dia da celebração, as pessoas vestem-se de verde, realizam paradas e divertem-se em festas. O trevo de três folhas é um dos símbolos do Saint Patrick's Day.

Gonçalo Tapadas



Coisas Doces Sem Açúcar

No passado dia 14 de fevereiro, pelas 11h30, o grupo *Os Alertas* trouxe à escola *Coisas Doces Sem Açúcar*, no âmbito do seu trabalho sobre a Dieta Mediterrânica – Uma Alimentação Sustentável, na disciplina de DAC. Este grupo, liderado pelo Chef Fábio Bernardino, veio ao nosso anfiteatro ensinar a fazer sobremesas com base em iogurte temperado com canela e outros substitutos do açúcar. As quatro turmas do 7ºano

estiveram presentes e foram divididas em grupos, os quais, com base nos conselhos do Chef, criaram sobremesas com frutas, cereais, compotas, pepitas de chocolate e muito mais. No final da atividade todos receberam um saquinho de biscoitos deliciosos... sem açúcar.

Sara Oliveira



Palestra sobre Igualdade de Género

No dia 5 de fevereiro, o professor e antropólogo Miguel Vale de Almeida foi o convidado especial no Rainha. O professor foi o orador de uma palestra marcada com o intuito de elucidar os alunos sobre um tema atual e que continua a constituir um problema sério na sociedade moderna: a igualdade de género...ou falta dela.

A verdade é que aquilo que começou como uma palestra sobre a igualdade de género, acabou por se desenrolar numa discussão sobre a homofobia e os direitos da comunidade LGBT, um assunto que, de certa forma, está interligado ao género, mas que não deveria ser o foco principal da palestra.

Alguns alunos colocaram questões relacionadas com este tema e daí em diante este passou a ser o cerne da questão. Obviamente, o professor deixou o debate fluir nesta ordem de ideias e não deixou de tratar um assunto interessante, atual e polémico, com muito para debater.

Tudo dito, a discussão teve bastante conteúdo e foi abordada numa forma que incentivou o diálogo e a expressão de ideias, em vez de ter sido tratada como um monólogo do orador.

Todavia, a palestra foi pouco extensa para o tema em causa. Se tivesse uma maior duração, haveria tempo para continuar o diálogo e discutir aspetos do tema da igualdade de género que acabaram por não ser abordados.

Ainda assim, agradece-se aos professores ou professoras que organizaram o evento e ao professor Miguel de Almeida, pois concederam aos alunos um momento importante de discussão, que lhes permite uma visão de alguns dos problemas sociais dos dias que correm.

M^o João Borges Bogalho,

12^o ano

Podemos dividir a Palestra em duas partes: uma primeira parte em que o Professor falou do tema, baseado na sua experiência pessoal e em factos e estudos; uma segunda parte de perguntas e respostas em que os alunos e professores presentes puderam

esclarecer as suas dúvidas.

Toda a informação que nos foi dada na primeira parte como, por exemplo, os atuais casos em que o género feminino é desvalorizado nos postos de trabalho ou o sentimento de não pertença ao espaço público e social que sempre existiu neste género desde os tempos mais antigos foi complementada com as respostas dadas pelo Professor, nomeadamente referentes a que atitudes tomar para atingir a tão desejada igualdade de género que muitos pensavam já ser uma realidade.

Concluindo, apesar de ser uma forma de enriquecimento pessoal, esta palestra foi ainda importantíssima na medida em que informou os mais jovens das realidades muitas vezes enevoadas e das medidas que nós, como próxima geração de profissionais e adultos, deveremos tomar para atingirmos uma sociedade melhor.

Carlota Almeida, 12^o ano



Durante a palestra vários temas foram abordados entre eles a diferença entre género e sexo e a igualdade de género na sociedade atual.

O género é uma questão de auto-perceção e não se prende com fatores externos. Uma pessoa pode identificar-se com o género designado ao nascer ou ser transexual ou transgénera. O sexo biológico refere-se ao corpo, e pode ser identificado à nascença.

A igualdade de género, a discriminação e o respeito pelas crenças, ideias e valores também foram temas debatidos chegando-se a uma conclusão unânime de que todos devem ser tratados de igual forma, isto é, “dar

igual visibilidade, poder e participação de homens e mulheres em todas as esferas da vida privada/pública.”

Assim, em Portugal, é respeitando o princípio da igualdade que está previsto na Constituição da República Portuguesa, expresso no artigo 13^o: “Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”.

David Graça, 12^o ano

Um dos vários problemas sociais que têm tido “o holofote em cima” desde meados do século XIX mas que ainda hoje são muito atuais é a desigualdade de género. Logo, sendo este um assunto tão importante e tão indispensável o debate de questões relacionadas com esta temática, organizou-se uma palestra na Escola Secundária Rainha Dona Leonor com o intuito de se promover o debate à volta deste tema.

A palestra do professor Miguel Vale de Almeida começou com uma breve introdução, tendo, de seguida, apresentado a “tese” em relação à igualdade de género, utilizando vários exemplos (que provocaram algumas gargalhadas por parte do público) para ilustrar os pontos de vista que o Professor queria demonstrar.

Apesar de ter sido iniciada pelo Professor, a palestra também contou com a intervenção de vários alunos (e até de um professor da escola) que colocaram algumas perguntas de grande relevância, sendo uma delas por exemplo “De que forma é que a Teoria da existência de Géneros Não Binários se insere na temática da igualdade de género?”, que levaram a respostas elaboradas por parte do palestrante.

Concluindo, creio que foi uma ótima experiência tanto para nós, alunos visto que pudemos ouvir alguém com uma grande experiência num assunto tão importante para a nossa formação como pessoas, como para o Professor que pôde aumentar a sua experiência, ouvindo as perguntas que os jovens entre os 16 e os 18 anos também colocaram.

Alexandre Coragem, 12^o ano

Tudo o Que Tenho no Saco... Eça e os Maias



No dia 14 janeiro, a turma 11^o1^a, visitou a exposição Tudo o que tenho no saco... Eça e os Maias (30 Nov-18 Fev) na fundação Calouste Gulbenkian, acompanhada por um guia, para desenvolver certos tópicos da vida de Eça de Queirós.

A exposição estava organizada em 7 núcleos: *1988- A vasta máquina* - neste núcleo foi comentado a publicação da obra mais conhecida deste autor; *Os Maias- Episódios da vida romântica* - e como esta não foi recebida com o devido entusiasmo nos primeiros anos depois da publicação, o que se deve ao facto de esta obra estar dividida em 2 grossos volumes onde o autor critica a sociedade portuguesa daquela época, algo que os poderosos não queriam aceitar; *Aprendizagem* - aqui, fala-se da vida do Eça antes de *Os Maias* e a aprendizagem adquirida por este ao longo dos anos, nomeadamente os seus anos na universidade de Coimbra, o jornalismo em Évora e a sua viagem pelo oriente; *Guerra ao romantismo* - Eça, apesar de ser educado no auge do romantismo, acredita no realismo e partilha a sua crença na obra *As Farpas*, um exemplo da sua vontade de “obrigar a multidão a ver o verdadeiro”; *Norma e o desejo* - este núcleo, um dos mais chocantes na minha opinião, reflete a violência do desejo e o lugar do poder das mulheres e foi ilustrado por uma pintura de umas das cenas da obra muito conhecida de Eça, *O Crime do Padre Amaro*. Esta é a história de um padre, consumido pelo desejo carnal e que comete crimes que nunca antes imaginara; *Olhares Cruzados* - neste núcleo, ver-se-á como Eça foge da objetividade

que o realismo procura para expor vários olhares sobre a mesma realidade; *A arte é tudo* - aqui, conseguimos observar o vício obsessivo perfeccionista de Eça como também a sua vaidade que se espelha nas toilettes dândi. Por fim, o último núcleo, *Lugares*, apresentava varias peças de mobiliário que Eça usava.

Marta Loureiro, 11^o ano

Em comemoração do centésimo trigésimo aniversário da primeira publicação de *Os Maias*, “*Tudo o que tenho no saco*”- *Eça e os Maias* homenageia a dedicação e o posterior sucesso da vasta obra de Eça de Queiroz, em especial da magna, “a vasta máquina”, *Os Maias*, dedicando o seu nome ao famoso comentário de Eça a seu amigo Ramalho de Ortigão, a quem confessou a sua esperança no sucesso do romance que escrevera com todas as suas forças, reunindo todos os seus conhecimentos, tudo o que tinha para dar e oferecer do seu “saco”.

Conhece-se assim a conduta mais realista de Eça, um jovem revolucionário, que, desejoso de fazer a diferença e contra o estilo romântico, excessivamente emotivo, funde ambas as vertentes, construindo obras que visam contar a verdade e não embelezá-la, em nome de um sentimentalismo egocêntrico, mas retratá-las com respeito, veracidade e credibilidade, não para um único fim moralizador, mas diferentes interpretações. Desafia a capacidade do leitor de “vestir a pele” das personagens, ao desenvolver narrativas chocantes e controversas, de adultério feminino (como *O Primo Basílio*), sexualidade no clero (como *O Crime do Padre Amaro*) e incesto (como *Os Maias* - *Episódios da vida romântica*). É como quem diz “Sobre a pureza da verdade, o manto diáfano da fantasia”.

Sara Carreira, 11^o ano

Ficámos a saber que o nome da exposição se deve a uma carta na qual Eça de Queirós refere que decidira fazer não só um romance, mas um romance em que pusesse tudo o que tinha no saco. Também soubemos do facto de o escritor ter sido educado nos princípios do romantismo, mas que se converteu ao realismo e que expressou a sua vontade de diversas formas de “obrigar a multidão a ver verdadeiro”.

Concluindo, através desta visita pudemos obter novos conhecimentos em relação à obra *Os Maias* e ao seu autor, de uma forma interessante, que eventualmente nos poderá vir a ser útil visto que esta é uma leitura necessária para este ano letivo.

Sebastião Vieira, 11^o ano

Uma das partes que considerarei mais interessantes foram os vários excertos dos filmes que foram feitos baseados nas obras de Eça, que passavam projetados na parede enquanto visitávamos cada núcleo. No primeiro núcleo, pudemos ver várias caricaturas ilustrativas das personagens, bem como uma de Eça com os seus personagens como fantoches. Nos núcleos seguintes, falou-se sobre a vida do autor, a sociedade sua contemporânea e as suas obras, especialmente *Os Maias*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Mandarim* e, a que me pareceu mais interessante, *O Mistério da Estrada de Sintra*; e sobre o sentimento de revolta para com a sociedade que os estudantes e homens de cultura como Eça sentiam na altura em que esta obra foi publicada nos jornais, a luta dos apoiantes do realismo contra os que apoiavam o romantismo.

Esta exposição será decerto interessante para todos os que queiram saber mais sobre Eça e as suas obras, mesmo que nunca as tenham lido. E, se for esse o caso, certamente que vai criar nesses indivíduos interesse e curiosidade em ler os livros, livros esses que são alguns dos melhores que a literatura portuguesa tem para nos oferecer.

Francisca Salema, 11^o ano

“Séc. XX e XXI: Arte Moderna e Contemporânea”

A Arte, a meu ver, resume-se à percepção de uma mensagem por detrás do visível, uma mensagem transcendente ao real que nos permite interpretar o real. Não importa a qualidade da pincelada, os pormenores do acabamento, a paleta de cores exóticas e inauditas, ou quão célebre e afamado é o artista. Se não me sentir emergida numa pilha de significados possíveis, então, para mim, não é Arte. E visto que dificilmente me sinto assim, seja pela minha incapacidade de interpretação, seja pela falta de qualidade do artista, que eles também andam por aí, torna-se complicadíssimo saborear uma obra de arte.

Posto isto, tentei contornar esse défice artístico aquando da visita de estudo à Fundação Calouste Gulbenkian.

“Séc. XX e XXI: Arte Moderna e Contemporânea” é o título da mesma, o que significa que estaria à espera de um monte de afirmações interiores como- “Pfff...isto também eu fazia!”, que tanto me caracteriza no que toca à arte contemporânea. Tal não aconteceu, e se estivesse por ali, a vaguear sozinha, certamente não iria interpretar coisa alguma ou sequer ver, com olhos de ver. Valeu-me a presença do guia, Simão Palmeirim, que foi capaz de compreender com quem estava a lidar, ou seja, 18 adolescentes que ali estavam com o intuito de ter menos um dia tão corriqueiro como todos os outros, o que significava, faltar às aulas. Consegui captar a nossa atenção, e jogando com isso a seu favor, lá nos ensinou uma coisa ou outra de valor. Por isso, dou-lhe os parabéns.

Bom...mas artisticamente falando, sinto-me completa e totalmente fora da minha época. Quero com isto dizer que mais rapidamente me deixo encantar com uma pintura rupestre elaborada pelo ilustre pintor Homem de Neanderthal, ou o famoso Australopitecos, com um cheirinho do recente H. Sapiens, do que com um Kandinsky, um Pablo Picasso, ou um Juan Miró, ou até os nossos tão queridos Almada Negreiros e seu companheiro, Santa Rita Pintor. Se por defeito ou não, é-me muito difícil apreciar a sua arte, o que se torna algo ingrato da minha parte, visto

que são só génios.

Concluindo, gostando ou não de Arte, e de tudo o que engloba, é essencial proteger e incentivar as pessoas que a representam, e quem melhor do que a própria Fundação Calouste Gulbenkian, que tem tido um papel notável no que toca ao apoio que oferece a jovens artistas.

Por tudo isto que nos deixou, o Sr. Gulbenkian, motor de arte e cultura em Portugal, merece um agradecimento do tamanho do seu humilde palacete parisiense. Ou melhor... do tamanho dos inúmeros impostos que deixou por pagar.



Obrigada Sr. Calouste Sarkis Gulbenkian.

Raquel Lopes, 12º ano

Foi no dia 7 de janeiro que as turmas 1ª e 3ª do 12º ano da Escola Secundária Rainha Dona Leonor partiram na redescoberta dos seus antepassados artísticos (não tão passados assim...). Esta “redescoberta” tomou lugar na fundação Gulbenkian, tendo como cenário a Coleção Moderna.

Apesar de, inicialmente, os alunos se mostrarem de pé atrás relativamente à Coleção de Arte que lhes viria a ser mostrada, mal colocaram o pé direito na exposição, a sua expressão revelou-se surpreendida, quer pelo suor artístico que as peças transpiravam, quer pelo acompanhamento exímio dos guias.

Durante esta experiência imersiva, foi-nos mostrada (a) arte [sim, omito o determinante artigo definido porque, apesar de universal, todas as

peças artísticas apresentadas apenas se definem quando nos predispomos a tal]. Esta arte, após a minha interpretação, tornou-se como que um teatro do século XX e XXI, mas um teatro com muitas cenas e atos, um teatro em que a crítica de uma sociedade provinciana servia de mote, um teatro em que todos os efeitos de luz eram extremamente bem conseguidos, um teatro que parecia realidade. Este teatro era encenado por artistas de vanguarda, como Amadeu de Souza-Cardoso.

Mal esta redescoberta acabou, houve um confronto com a realidade. Porém, este confronto não se fez sentir, uma vez que tudo o que tínhamos vivido se adequava àquilo que sentimos quando entramos no autocarro e nos apercebemos que o motorista afinal já não é um motorista, mas sim uma motorista, quando tudo coincidia com a forma como Amadeu de Souza-Cardoso representou o mundo.

João Gameiro, 12º ano

Noutros tempos, a arte, a cultura e o indivíduo eram eliminados por se apresentarem como uma ameaça à lucidez do plural. O abstrato era a loucura em pinceladas, e formas com cores berrantes gritavam desobediência.

Hoje, eu pinto com a esferográfica milhares de vidas e almas acorrentadas desse passado; Encontro, na minha liberdade, espaço para contar rostos de lágrimas silenciosas, escondidas da realidade que viveram.

Até 74, os quadros eram por si monótonos, e a discrepância entre tons quentes e frios deixavam manchas vincadas do medo de se ser artista numa sociedade alienada.

Por isso escrevo neste meu presente, afirmando com toda a minha voz que a minha vontade é o sonho de quem outrora lutou dentro de um país apertado, reduzido de ideias, para que fosse eu, agora, arte.

Obrigada modernidade por teres entre as tuas linhas a ânsia de hoje em dia deixar-se ser o verdadeiro Portugal.

Iara Boleta, 12º ano

Visita de Estudo ao Pinhal de Leiria e ao Mosteiro de Alcobaça

No dia 10 de janeiro de 2019 participámos numa visita de estudo em conjunto com a turma 9ºB da escola Eugénio dos Santos. Partimos às 08:40 num autocarro da Junta de Freguesia de Alvalade rumo a Leiria. Estava um dia muito bonito, a viagem foi tranquila.

Chegámos por volta das 10:30 e fizemos uma pequena caminhada até ao local onde iríamos plantar cerca de 100 pinheirinhos. A monitora explicou-nos como os havíamos de plantar, distribuíram-nos luvas e

utensílios de jardinagem e começámos a trabalhar. Plantámos os pinheiros aos pares no talhão 216 e referiram que em 10 anos os nossos pinheiros irão ter a nossa altura.

Seguimos para o Parque de Merendas onde recuperámos forças e matámos a fome. Pudemos observar esquilos no seu habitat natural e relaxar um pouco uns com os outros.

Em seguida, partimos para o Mosteiro de Alcobaça. Uma monitora chamada Eulália guiou-nos e explicou-nos os mais pequenos detalhes do Mosteiro. Vimos os túmulos

de Dom Pedro e Dona Inês, os dormitórios dos monges, uma cozinha do século XVIII e muito mais. Foi-nos bastante benéfico porque vamos dar *Os Lusíadas*, em breve, nas aulas de Português.

Antes de voltarmos ao autocarro, jogámos o jogo do lencinho no qual metade de nós caiu ou desistiu.

E assim foi como regressámos a Lisboa felizes, com novos conhecimentos, novas amizades e consciências tranquilas por termos ajudado o ambiente.

9º3ª

A atividade baseou-se na reflorestação, com a ajuda de uma profissional que conduziu os alunos a uma plantação produtiva. Inicialmente, os alunos apresentavam grandes dúvidas em relação à iniciativa, pois pensavam que não era do seu agrado, mas ao longo da experiência, surpreenderam-se e mostraram vontade de fazer cada vez mais. As primeiras impressões foram alteradas à chegada ao local: os alunos verificaram algumas diferenças do espaço em relação ao ambiente a que estavam habituados. Conseguiram desfrutar de um ar extremamente mais puro que o da cidade e também de um clima agradável com algumas alterações no solo.

Depois de terminada a atividade referida anteriormente, chegou a hora do almoço realizado no Parque das Merendas da Marinha Grande que ficava relativamente perto do pinhal, onde pudemos observar áreas



de natureza. Terminado o almoço, em que se verificou um ambiente agradável e harmonioso entre alunos e professores, chegou a hora de partir em direção à segunda parte do dia com destino a Alcobaça, com o propósito de visitar o Mosteiro histórico com ligações ao romance de Pedro e Inês. Depois de alguns momentos de espera e ansiedade deu-se a entrada no Mosteiro, onde os alunos foram recebidos por uma guia extremamente dedicada em passar a mensagem

correta aos alunos, o que desde logo facilitou a comunicação. A visita baseou-se em várias explicações de cada ponto de interesse do Mosteiro, com algum destaque e pormenor relativo ao mítico romance de Pedro e Inês. Em seguida, as várias professoras organizaram uma atividade em que se pretendia despertar a alegria de cada aluno.

Depois de momentos de diversão entre todos, deu-se o regresso a Lisboa, após um dia excelente, do ponto de vista dos alunos.

De realçar a colaboração e a disponibilidade da Junta de Freguesia de Alvalade que emprestou ao Agrupamento o seu autocarro e facultou as condições para as várias viagens com conforto e com um ambiente agradável.

Um dia que fica marcado no desenvolvimento destes alunos.

9ºB



Fotos de Gonçalo Coimbra

Para Falar de Direitos Humanos ...

No dia 10 de dezembro, data da comemoração dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, as turmas do 7º ano do Rainha estiveram envolvidas numa sessão preferida pela Juíza Carla Ventura no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento.

Dada a ocasião, veio à Escola a mãe de uma colega nossa, que sendo Juíza nos veio falar do dia da assinatura desta declaração - 10 de dezembro de 1948 - e como esta tentou evitar as atrocidades cometidas durante a 2ª GM, desde as vítimas das batalhas às vítimas do Holocausto. A 2ª Grande Guerra mostrou que a defesa dos Direitos humanos era essencial.

Também se falou da sua profissão, do vestuário usado (a beca que a própria vestiu para nos mostrar) e da simbologia do Direito. Por exemplo, da Balança e a venda nos olhos de uma mulher que representa a justiça, entre outras coisas.

Os olhos vendados simbolizam a imparcialidade e pretendem transmitir a ideia, de que diante da lei, todos são iguais.

A balança nivelada simboliza o equilíbrio das forças opostas presen-

tes num conflito.

A espada simboliza o poder de decisão da justiça e o rigor da condenação.

Também se referiu como a Lei abrange os menores de 16 anos.

Uma das nossas partes preferidas, foi quando a convidada distribuiu uma folha de papel branca a cada aluno e pediu para a amachucarem e no final para voltarem à forma original, o que era impossível. Esta atividade serviu de metáfora para o que acontece a uma pessoa afetada por bullying, o que acontece cada vez mais nas escolas portuguesas. Foi uma sessão interessante e espero que outras deste género venham a acontecer nos próximos períodos.

Eurico Duarte, 7º ano

Eu acho que a apresentação foi muito boa, com muita informação e algumas partes muito interativas. Aprendi várias coisas sobre os Direitos Humanos, tribunais, julgamentos entre outros.



A conclusão que tiro é que os Direitos humanos não devem ser respeitados apenas nos tribunais ou em grandes instituições, mas sim em gestos simples do dia a dia. Nós não temos só direitos, como referido na apresentação, temos também deveres.

Vicente Pinto, 7º ano

No fim os delegados das 4 turmas do 7º ano ofereceram um ramo de flores à nossa convidada.

Esta atividade envolveu os professores de Cidadania: Ana Isabel Mendes, Eduarda Pina e José Feitor, a coordenadora, Lucília Cid, a Psicóloga Joana França e os professores Manuela Ramos e João Mesquita.

Visita ao Panteão Nacional

Foi realizada na sexta-feira, dia 18 de janeiro, uma visita de estudo ao Panteão Nacional por parte da turma 10º11 do Curso Profissional de Sistemas e Programação.

Esta visita foi realizada no âmbito das disciplinas de Português e Área de Integração (AI) pelas professoras Eduarda Pina e Maria José Silva.

O motivo de ser este o local de visita está relacionado com os programas destas disciplinas, que fazem alusão à História de Portugal, a grandes vultos da cultura portuguesa, alguns dos quais se destacaram também na defesa dos Direitos Humanos, como a democracia. Assim sendo, não há sítio melhor que o Panteão Nacional para aprendermos sobre a história do nosso país, assim como aqueles que mais contribuíram para ela, tanto a nível político, artístico ou desportivo.

O Panteão Nacional é um dos monumentos mais ricos em cultura e história devido à sua função de homenagear ilustres figuras, como Sophia de Mello Breyner Andresen

(escritora), Eusébio da Silva Ferreira (futebolista) e Amália Rodrigues (fadista) entre outras.

Bernardo Caldas, 10º ano



“Stop Climate Change”

No dia 8 de março fomos ao auditório da nossa escola para ouvir uma palestra sobre o clima chamada “Stop Climate Change”. Começamos por ver uma apresentação de João Camargo sobre a mudança do clima ao longo do tempo e a razão pela qual está desequilibrado, hoje em dia. Estas alterações começam a surgir com a aparição da espécie humana no planeta, mas começam a agravar-se

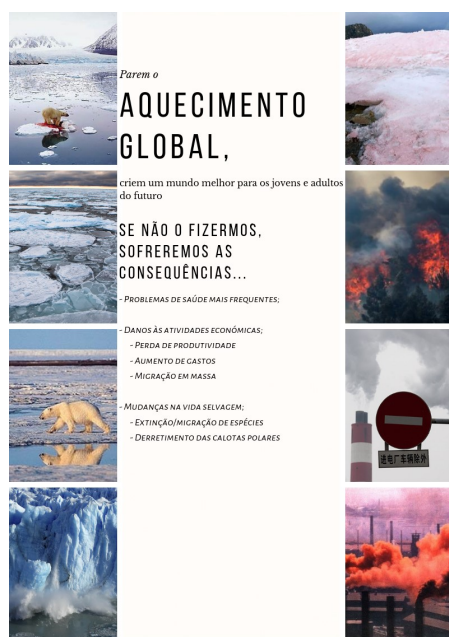
com o início da revolução industrial. Apesar dos esforços realizados por todas as nações do mundo, em cimeiras e congressos, as medidas tomadas não foram suficientes. Isto não quer dizer que esses esforços concretizados pela maioria da população mundial tenham sido em vão, aliás ajudaram bastante, mas não o suficiente. Cabe-nos a nós e às grandes potências mundiais seguir o exemplo de uma jovem com apenas 10 anos cha-

mada Greta Thunberg que decidiu tomar medidas, fazendo greve todas as sextas feiras às aulas e dando origem a este movimento.

Após este debate, foi feito um apelo aos alunos presentes para que aderissem à greve agendada para dia 15 de março.

**Frederico Silva, Marco Santos,
Ricardo Homem e Rodrigo Duarte,
11º ano**

Trabalhos realizados pelos alunos do 8º5ª na disciplina de TIC



Greve dos Estudantes pelo Clima

“Chega! Basta! Protege a tua casa!”, foram estas palavras que me gastaram a voz no dia 15 de março. E não me arrependo. Gritei e cansei os braços a segurar cartazes, é verdade, mas, se é para defender a minha “casa”, o planeta Terra, vale sempre a pena.

O ponto de encontro foi o Largo Camões e, mal cheguei, senti-me radiante. Ao contrário do que tinha sido sugerido pelos meios de comunicação social nos últimos dias, a concentração de jovens era avassaladora. Os elétricos não conseguiam circular assim como os carros o que, para mim, foi logo uma conquista pois vincou que não éramos, de todo, umas meras crianças a brincar aos adultos.

No entanto, o ponto alto foi mesmo a marcha. Andar aos encontrões por ruas estreitinhas, com centenas de pessoas a gritarem-nos aos ouvidos, pode não parecer, à partida, uma

experiência agradável mas a verdade é que me senti em êxtase. É indescritível a sensação de pertença, de humanidade reunida naquelas ruas, de espíritos jovens dispostos a lutarem pelos seus ideais e fazerem ver que Nós somos a diferença e que Nós vamos concretizá-la quer queiram quer não. Para além de que nada substitui o ar de incredulidade e um certo laivo de admiração na cara das pessoas por quem passávamos, turistas ou não.

Por fim, chegámos à Assembleia da República. Apesar de, para mim, a energia já estar a diminuir nesta fase, deu para encontrar caras conhecidas, trocar opiniões e discutir o que nos levava realmente estar ali a protestar. Eu e os meus amigos divertimo-nos, também, a elaborar um “top” dos melhores cartazes ou, seja, dos que melhor veiculavam a mensagem que



pretendíamos transmitir ou, pelo menos, da forma mais original.

Abandonámos a manifestação quando a fome apertou e quando os restantes participantes começaram, igualmente, a dispersar. Hoje posso afirmar com certeza que foi uma das melhores experiências da minha vida, pois dei voz, por fim, a pensamentos que já tinha há muito tempo sobre o mundo que nos rodeia.

Rita Martins, 12º ano

Sexta-feira, 15 de Março de 2019. Um dia simbólico para o futuro do planeta Terra. Alunos de todas idades estiveram presentes naquela que foi uma das maiores greves mundiais dos últimos anos.

Greta Thunberg, criança sueca que se manifesta contra as alterações climáticas todas as sextas-feiras (junto à assembleia da Suécia), decidiu criar um evento de ainda maior importância e dimensão, impulsionando os jovens ambientalistas de todo o mundo a deslocarem-se às assembleias de cada país.

Apesar desta bonita ideia e muito bem concretizada em Lisboa (cerca de 8 mil fizeram-se ouvir desde o Largo Camões até à Assembleia Nacional), não foi tudo um mar de rosas. Muitos adolescentes, aproveitando o facto de, nalgumas escolas, terem as faltas justificadas, decidiram marcar presença só pela possibilidade de faltarem aos estudos.

Ainda assim, o objetivo de mostrar a preocupação estudantil com o clima manteve-se sempre, com cartazes originais e cânticos entoados ao longo de toda a manifestação.

Para quem acha que uma greve não terá qualquer impacto neste

tema, a resposta pode ser dada por um dos alunos presentes: “Mesmo que, efetivamente, não chegue aos ouvidos do Governo, ou que chegue mas eles se façam de despercebidos, esta greve serve para enviar uma mensagem ao nosso Planeta, e diz-lhe que as gerações mais novas estão ao seu lado. Estudar não tem importância se não houver futuro, e foi isso que viemos aqui realçar. Não depende só dos políticos, depende de cada um destes 8 mil presentes!”

Concluindo, percebeu-se que nem tudo foi perfeito. Para uns esta greve

foi um festival gratuito, mas a base ideológica manteve-se bem assente na maioria das futuras mentes deste país: lutar por um mundo onde as vacas e as abelhas possam viver naturalmente, por mundo onde o petróleo seja um bem desconhecido, por um mundo onde as fábricas produzam menos quantidades, por um mundo com menos fumadores.

No fundo, lutou-se... por um mundo melhor!

Joana Carvalho e

Mariana Pessoa, 12º ano



Trabalho realizado por Luis Assunção e Leandro Bral, 12º ano

A Nossa Semana da Leitura

Dia 14 de março - início da manhã - o auditório começa a encher, alunos de diversos anos e turmas. Todos conversam, esperam pelo começo das apresentações.

Vasco, o primeiro a apresentar - algo nervoso - passa com alguma fluidez os slides que preparou. Interroga-nos - retoricamente - e informa-nos sobre "tudo"- este é o tema do seu livro, *Cosmos*.

O ritmo dos trabalhos aumenta - fico com essa ideia -, diversos livros e autores são apresentados e repetidos. Saramago, ilustre nobel português, tem direito às apresentações Memorial do Convento e Ensaio Sobre a Cegueira.

- As memórias não me fluem - mas não esquecerei uma apresentação..

Um rapaz do 11º ano desce as escadas, encaminha-se para o palco para montar o trabalho - exala confiança -, executa a apresentação com a perícia de um qualquer sábio biógrafo do autor, - deixa todos surpreendidos, a apresentar o Memorial do Convento.

E assim, segundo após segundo, minutos se vão transformando em horas. Harper Lee é interrompida com o som do toque, os alunos rejubilam de alegria, mas esta não é a última apresentação. Após um breve diálogo com os professores é acordado que eles podem voltar no próximo toque.

Quinze minutos depois o auditório enche-se, - já é meio da manhã - novos alunos entram obrigando a uma rápida "re-apresentação" do início da mesma.

Terminam a apresentação - deixam-me curioso - não sei que para já não lerei o livro, a história já foi contada.

Por fim, chega o momento porque menos se anseia, a última apresentação,-após isso os alunos retornarão às suas salas -, um rapaz com um qualquer nome, de uma qualquer turma, diria se à sua plateia. Não traz imagens como os outros, - apenas o referido livro com alguns marcadores -, parece perceber do que diz, e embora apaixonado é um pouco

trapalhão. Deixa cair um dos marcadores o que lhe impede a leitura de uma passagem - mas isso não o preocupa, tem mais. Lentamente vai finalizando os contos de Gabriel García Marquez - o livro não é fácil - e sem parecer preocupado termina a sua apresentação com uma qualquer mensagem de moral, igual a tantas outras...

Finda assim mais uma enxurrada de apresentações, escolhidas a dedo, ou talvez não...

Para o ano veremos mais - esperemos que não, seria mau sinal (para mim!)- e também estas servirão como tema proposto para um texto, escrito numa soalheira tarde de inverno. Encerrado assim o ciclo anual que ocorre na semana da leitura.

David Curral, 12º ano

Começo por destacar a diversidade de conteúdos e os oradores que, com criatividade, recorreram a diferentes estilos na exposição dos seus trabalhos. Tivemos humor e poesia, trabalhos aos quais houve de certeza uma entrega e dedicação enorme o que veio aumentar a qualidade da Semana da Leitura.

Aguardo com expectativa o evento do próximo ano em que nos foi revelado uma organização ainda maior e melhor.

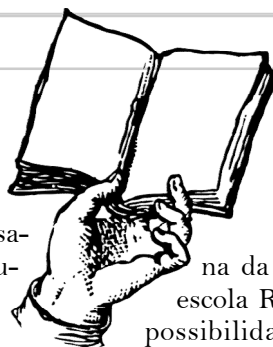
Em termos mais específicos, as apresentações suscitaram o interesse em conhecer a maior parte dos livros e a obra dos seus autores.

Destacaria a apresentação do colega João Gamito, O Homem Invisível, regada de boa disposição, passando a informação essencial da obra ao público e creio que não vou ser a única leitora da obra.

Não queria concluir sem revelar o impacto positivo desta atividade, sabendo eu que conquistou futuros leitores que talvez não o fossem de uma forma regular.

Gostei muito e venham outras!

Leonor Moreira, 8º ano



Vem março e vem mais uma semana da leitura onde os alunos da escola Rainha Dona Leonor têm a possibilidade de demonstrar os conhecimentos que adquiriram da leitura de livros, poemas ou até contos a algumas turmas que se disponibilizem a assistir às curtas palestras.

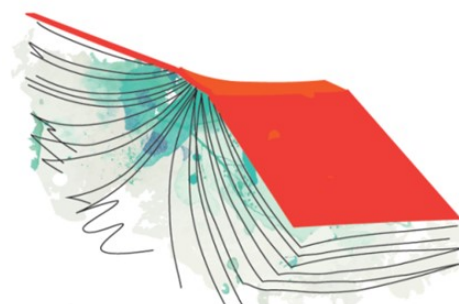
A escola participa sempre neste projeto e há imensos alunos que, apesar da vergonha que é estar em frente a uma multidão, acabam por alinhar falar sobre livros que os fascinaram e que frequentemente têm uma ligação à matéria lecionada ao longo do percurso escolar, tornando-se uma apresentação útil para quem ouve.

Complementando as palestras que decorreram ao longo da semana, a escola adicionou, pela primeira vez, uma pequena biblioteca no espaço exterior na qual os alunos podiam tirar um livro em troca de outro, incentivando assim a leitura, uma atividade que nos estimula o cérebro e aumenta a capacidade de compreensão.

Para além de nos dar a conhecer novas obras, esta semana visa educar-nos acerca da importância da leitura, não só para as aulas de Português, mas para nos tornar pessoas mais cultas, interessadas e interessantes.

Em suma, é sempre interessante assistir a algumas apresentações que variam tanto em criatividade como em conteúdo. Sendo assim, convido todos os alunos a passarem por esta experiência todos os anos que puderem pois é uma oportunidade única que está apenas a alguns degraus de distância.

Maria Lourenço, 12º ano



INSPIRING
FUTURE

Estás no 12º ano e não fazes ideia do rumo que vais dar à tua vida no próximo ano, quer isto implique ir para a faculdade ou não? Mesmo que já saibas o que fazer, tens alguma dúvida em como o fazer? A tua resposta provavelmente é “não”, uma vez que foi com o objetivo de responder a estas perguntas que o projeto “inspiring future” veio à nossa escola.

Em primeiro lugar, assistimos a uma palestra na qual um rapaz (que sabia bem o que estava a fazer!) desmistificou o bicho papão que surge sob a forma da candidatura à faculdade. Ficámos a saber que tínhamos de pedir uma senha para, futuramente, nos podermos candidatar ao ensino superior; ficámos a saber as datas em que nos temos de candidatar; ficámos a saber que mais dúvidas não podíamos ter.

De seguida, antes dos workshops que viriam a tomar lugar em várias salas e no auditório, partimos em busca do curso perfeito (se bem que tivemos de ultrapassar um grande obstáculo chamado Marketing), trocando impressões com aqueles que mostravam o maior interesse em nos ter como colegas de curso. Depois, como já foi dito anteriormente, seguiram-se vários workshops que nos alertaram para alguns erros que podemos cometer quando escolhermos um curso (como escolher um curso pelas amizades...).

Concluindo, foi uma iniciativa bastante importante que, com certeza, teve um impacto positivo em nós. Só foi pena ter acabado, porque com o arrumar das bancas, surge a sensação de que ainda temos bastante que estudar!

João Gameiro, 12º ano

Este tipo de iniciativas é muito importante para a ajuda e motivação dos alunos que estão prestes a enfrentar

uma nova e completamente diferente etapa da vida. Muitos não sabem o que é necessário fazer e sentem-se “à toa” com todas as medidas necessárias, por isso, o papel da inspiring future é crucial para o futuro dos alunos, o meu incluído.

Na palestra inicial e digamos, a principal, são nos apresentados todos os tipos de situações que podem acontecer aquando da candidatura à faculdade, e ainda, o que temos de fazer. Creio que algumas das instruções dadas eram totalmente novidade para a maior parte dos alunos presentes.

Um ponto a destacar é obviamente a personalidade de quem estava a dar a palestra. Foi com divertimento e boa disposição que o rapaz responsável abordou os alunos, criando também um ambiente de descontração ao falar de coisas que, geralmente, causam stress.

Apesar de ter ido apenas à palestra inicial e não às palestras e workshops seguintes (e mais específicas/os de cada área) queria apenas acrescentar que as “bancas” de cada faculdade que marcaram presença na escola desiludiram um pouco. Esta afirmação é totalmente subjetiva, visto que foi desilusão apenas pelo facto de não haver muitas que me interessassem. Vi várias destinadas à área da economia, marketing e também das engenharias, e ainda havia uma simples banca de medicina lá bem no cantinho.

Catarina Fernandes, 12º ano

Para além da apresentação tivemos contacto com algumas das faculdades que estiveram presentes na escola para o esclarecimento de dúvidas em relação a médias de acesso às licenciaturas e mestrados disponibilizados por estas mesmas instituições. Para finalizar a manhã, foram realizadas várias palestras pelas faculdades distribuídas pela área inerente aos cursos das mesmas.

Tendo apenas visualizado as palestras das ciências e engenharias, devo realçar o compromisso das faculdades com o projeto “Inspiring Future”, em realizar palestras de enorme qualidade no que diz respeito à passagem de informação transmiti-

da de forma clara e acessível, desde a oferta dos cursos à taxa de empregabilidade de cada faculdade/politécnicos.

Em suma, foi um dia deveras informativo e gratificante na medida em que os alunos, na sua grande maioria, ficaram mais esclarecidos sobre o seu futuro no acesso ao ensino superior.

Gonçalo Carvalho, 12º ano

A escola não deixa de nos surpreender com novas e interessantes atividades e o passado dia 11 de Março não foi exceção. Inspiring future foi o nome do “evento” que ocorreu destinado aos alunos do secundário que visava ajudar os mesmo com uma das decisões mais importantes da sua vida.

O ensino superior pode ser um tema assustador para quem ainda não pensou bem no assunto. Divididos entre a opinião dos pais e a própria cabeça e gosto, existem imensos alunos que chegam ao final do secundário sem uma ideia fixa do que pretendem fazer no futuro e chegam por vezes a escolher alguma coisa à pressa da qual se acabam por arrepender.

O certo é que devemos conjugar o nosso gosto com as condições financeiras que temos. Embora um curso seja interessante, pode não ter grande saída profissional, o que será mau. No entanto, o contrário também não é agradável. Não devemos estar a trabalhar em algo que não nos satisfaça apenas porque dá dinheiro. A diversidade de faculdades que se disponibilizaram a fazer pequenas palestras e a apresentarem as suas ofertas educativas decerto ajudaram a aliviar as preocupações de alguns e a guiar os que se encontravam mais perdidos, não só no curso que eventualmente irão escolher mas também a perceber como funciona a entrada no ensino superior.

Concluindo, foi magnífico da parte da escola dar esta oportunidade aos alunos e acredito plenamente que muitos estejam mais tranquilos com o decorrer dos próximos tempos e com o futuro que se aproxima.

Maria Lourenço, 12º ano

Anti Vacinação – Um Perigo Social

A vacinação prepara o nosso organismo em prol da defesa a certos agentes patogénicos.

Por vezes, o nosso sistema imunitário é demasiado fraco para se defender sozinho contra certas ameaças. Por isso, tomamos vacinas. Estas consistem na introdução de soluções constituídas por agentes patogénicos mortos ou inativados com o objetivo de estimular o sistema imunitário a produzir anticorpos e células de memória contra a doença. Assim, as células memória (linfócitos) que ficam no nosso organismo rapidamente desencadeiam uma resposta imunitária, caso haja uma efetiva entrada do microrganismo.

Doenças anteriormente responsáveis por grande parte da taxa de mortalidade são agora evitadas devido à vacinação da população, como por exemplo, o sarampo.

Estas doenças atingem especialmente membros de estratos sociais cujo organismo é mais débil, e, portanto, mais facilmente serão portadores dessas doenças, como é o caso das crianças ou idosos. Cresce, assim, a necessidade de lhes administrar vacinas e vacinar todos à sua volta para se protegerem de doenças potencialmente fatais.

Recentemente, tem surgido um movimento de anti-vacinação. Este modo de pensar tem resultado, muitas vezes, em histórias de terror acerca de reações alérgicas de crianças devido à administração de certas vacinas, o que provoca um certo receio nos pais.

Um dos argumentos mais usados por quem apoia o movimento de anti-vacinação é que os médicos não conhecem as crianças uma vez que apenas as veem em consultas, esporadicamente. Dado que os pais acompa-

nam o seu quotidiano e, por isso, as conhecem melhor, então eles saberão o que os seus filhos precisam.

Esta falta de confiança entre pais e médicos tem por base, muitas vezes, estatísticas e estudos encontrados online ou até mesmo em jornais médicos. A informação obtida através de blogs de pais que relatam episódios de reações agrestes a vacinas ou até de artigos especializados cria nos pais a sensação de que os médicos omitem informações relativamente aos efeitos secundários da vacinação de crianças.

De facto, algumas vacinas contêm certas substâncias pouco convencionais, como, por exemplo, timerosal. Este é um derivado de mercúrio, um metal conhecido por ser altamente tóxico. Assim, muitas pessoas decidem não vacinar os seus filhos, tendo por base este exemplo. No entanto, deixou de ser usado em vacinas infantis na União Europeia e em alguns outros países. Porém, o consenso científico atual é de que os medos relativos aos riscos são infundados, também porque a quantidade utilizada é muito baixa.

A presença de substâncias derivadas de mercúrio em vacinas, como, por exemplo, a do sarampo, levou à publicação de um artigo num jornal médico que as correlacionava com casos de autismo. Nesse ano, milhares de pais acabaram por se abster de vacinar os seus filhos, o que levou a um aumento desmedido de casos de sarampo. O estudo foi mais tarde desacreditado. Na Dinamarca, em 1992, as vacinas deixaram de ter Timerosal e a incidência de autismo aumentou. Concluiu-se que este não está diretamente associado com o autismo. Porém, ainda há quem acredite piamente na interdependência entre estas duas realidades.



É verdade que há riscos associados à vacinação. Apesar destes serem, por norma, transitórios, também há um pequeno risco de consequências mais graves que deixem sequelas (no caso da vacina do VASPR, ocorre apenas 1 caso de alergias graves em 1 milhão de vacinados).

O que a estas pessoas falta em entender é o Efeito de Rebanho das vacinas. Se uma criança intolerante a algum tipo de vacinação estiver rodeada de pessoas vacinadas, e que conseguem, portanto, combater agentes patogénicos que ela não consegue, as probabilidades de ficar doente serão menores: os microrganismos responsáveis pela doença serão combatidos antes de terem a oportunidade de atacarem quem não o consegue fazer. Até seria possível eliminar certas doenças se uma maior parte da população se vacinasse.

O comportamento, muitas vezes hesitante, dos pais em relação à vacinação dos seus filhos pode ter consequências catastróficas – podendo acabar, não só, em morte de crianças devido a doenças antiquíssimas que poderiam ter sido evitadas, mas também por pôr em perigo membros da sociedade que não podem ser vacinados e cuja única hipótese de se protegerem é através da proteção de quem os rodeia.

Independentemente das possíveis reações adversas, nada é mais grave do que a doença alvo da vacina!

Cármen, Catarina e Matilde

Empreendedorismo em Portugal

Portugal é um país que, apesar de se situar num "cantinho" da Europa, sempre soube tirar proveito daquilo que tem ao seu dispor, quer seja nas áreas ligadas à ciência ou à política. Mas as áreas onde os portugueses

realmente se destacaram (e que todos os dias se continuam a destacar), quer nacionalmente quer internacionalmente, foram (e são) as áreas ligadas ao empreendedorismo.

Em primeiro lugar, o exemplo máximo desta capacidade empreen-

dedora (que está repleta de determinação e coragem) são os descobrimentos marítimos. Começaram no início do século XV com a conquista de Ceuta, no Norte de África, e na primeira metade do século XVII cul-

(Continua na página 19)

(Continuação da página 18)

minaram com um vastíssimo império, em que os portugueses praticamente dominavam meio mundo e detinham as melhores rotas comerciais no mundo inteiro. Realmente, como a história nos conta, creio que nunca houve um investimento que tivesse originado tantos lucros como os descobrimentos deram aos portugueses.

Outro grande exemplo, este dos dias atuais, é o facto de Portugal ser o líder mundial no setor das energias renováveis e o quarto maior produtor de energia eólica no mundo. Mas

agora deve estar a questionar-se: “Mas Portugal nem deve estar na lista de vinte maiores países do mundo, como é que pode ser o quarto maior produtor de energia eólica?”. E realmente é uma boa pergunta, encontrando-se a resposta neste mesmo espírito empreendedor português que deseja desafiar o desconhecido com tanta força que está a construir o maior plano de barragens a nível europeu, que inclui não cinco, não sete, mas dez barragens!

Concluindo, creio que com os exemplos que apresentei, assim como

tantos outros da atualidade, o leitor percebeu uma pequena parte da grande dimensão que é o empreendedorismo em Portugal. Por isso, um último aviso: não lhe dê uns quantos limões e umas laranjas, porque não sabe se daqui a uns meses este português não é o maior vendedor de fruta em todo o mundo.

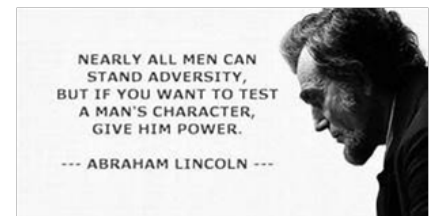


Alexandre Coragem,
12º ano

Abraham Lincoln

Abraham Lincoln was an American lawyer and politician who served as the 16th president of the United States from 1861 to 1865. Lincoln was born on February 12th, 1809, in Kentucky and grew up in a poor family. Self-educated, he became a lawyer and a leader in the new Republican Party. In 1860, he ran for president, and he got elected. Lincoln was always against slavery and when he became president, wanted to end it. The North of the country was in agreement with Lincoln in ending

slavery but, the South, was against this idea, having thus begun the American Civil War, in April 1861. During the war, Lincoln was always in favor of the Union. Using the Emancipation Proclamation, on January 1st, 1863, Lincoln ordered the Army to protect escaped slaves, encouraging border states to outlaw slavery. His Gettysburg Address, on November 19th, 1863, became an iconic call for nationalism, republicanism, equal rights, liberty and democracy. On April 8th, 1864, the United States Constitution finally abolished



slavery in the whole country. A few days after the end of the war, on April 14th, 1865, Lincoln was shot and died the following day. Presently, Abraham Lincoln is remembered as one of the most important presidents of the United States.

Guilherme Alberto, 7ºano

Aristides de Sousa Mendes



In 1885, in the town of Cabanas do Viriato, in Portugal, Aristides de Sousa Mendes was born. Son of a judge at the Coimbra Court of Appeals, Aristides studied law at the University of Coimbra and in 1908, he started his consular officer career.

In 1938, Aristides was assigned the post of Consul-General of Bordeaux, France, meaning he had the whole jurisdiction over southwest France. At the time, the Nazi government was persecuting all Jewish people in their territory. In 1939, WWII war started and millions of people tried to escape from the German soldiers. Aristides was helping some people, giving them visas to

escape from France, but in 17 June 1940, France declared surrender to the Germans. More than ever, people were trying to escape from France. Seeing that, even though he knew he could lose his job, Aristides announced that he would give visas to everyone. People were in line for hours to get their papers stamped. The Portuguese ambassador in Spain was later informed, so he rushed to the border to stop the activity. No more visas were issued and, following Spanish protests, all visas were nulled.

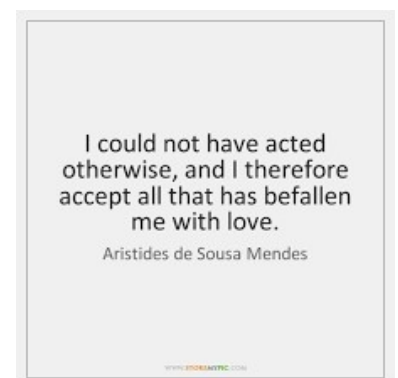
Aristides's sentence was one year of inactivity with half of his rank's pay and then he was obliged to retire.

Aristides's family passed their last years surviving out of the soup kitchen of the Jewish community, in Lisbon. Aristides had to sell all his furniture to survive, but in fact, he

never regretted his action.

Aristides died in poverty, in 1954. His story was spread by his children, to tell all people what Aristides did, and how many men wouldn't be able to do the same.

Eurico Rapagão, 7ºano



BETERRABA E BERINGELAS

Desenho de observação de vegetais.

Coloração com técnica de lápis de cor ou lápis de cor aguarelável.

Contorno da forma a caneta preta (opcional)

Fundo com motivos geométricos simples ou liso com cor ou cores contrastantes com a forma.



Trabalhos realizados por alunos do 8º ano

TUBARÃO

O tubarão branco é um dos grandes predadores dos mares.

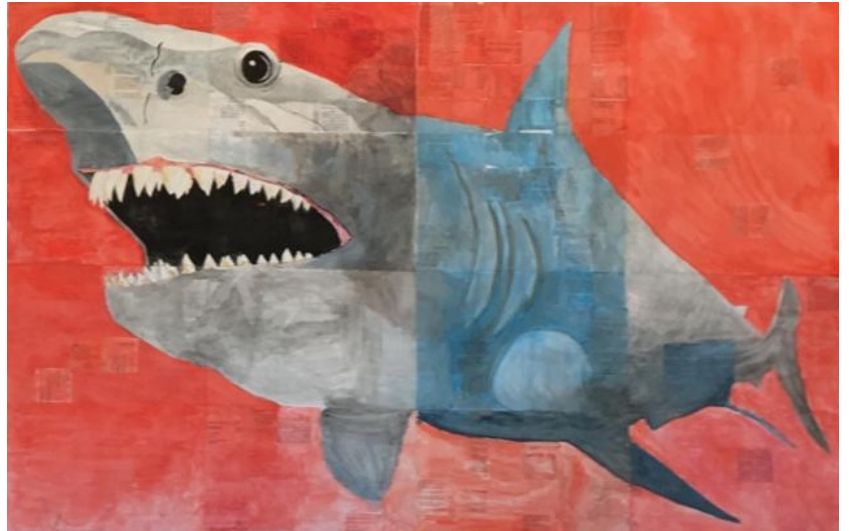
O seu aspeto, comportamento e alguma ficção (JAWS, 1975) garantiram-lhe uma ideia de grande ameaça para os humanos, contudo os seus ataques são raros e muitas vezes por engano. Os humanos não constituem presa preferencial para os tubarões.

Na realidade, somos nós que constituímos o seu maior perigo, sendo o tubarão branco já uma espécie ameaçada.

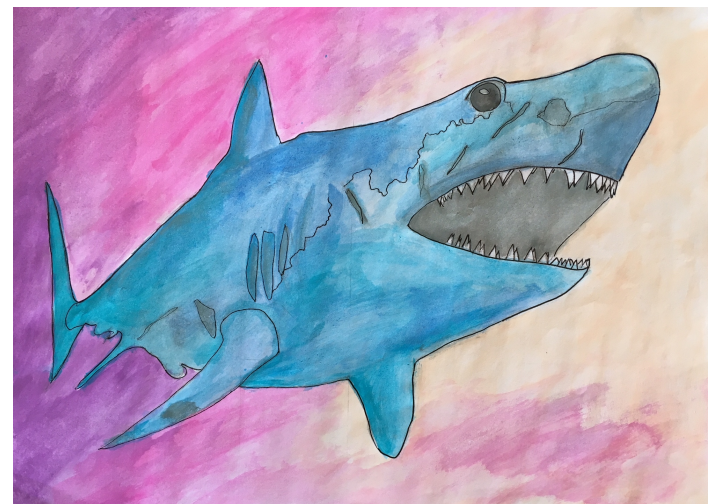
Tendo como ponto de partida uma imagem de um tubarão branco, foi pedido aos alunos que a ampliassem até ao tamanho de um A3 e a partir daí explorassem a coloração da forma e do fundo a técnica de aguarela e também (opcionalmente) a aplicação de colagens.

Alguns trabalhos foram realizados colaborativamente entre 4 e até 16 alunos, ficando assim cada um responsável por uma parte da representação e coloração.

Neste caso impunha-se um desafio adicional de coordenação das ampliações e posterior unidade nas colorações.



João Trindade



Trabalhos realizados por alunos do 8º ano

Os alunos do 9º ano têm tido o privilégio de fazerem algumas visitas de estudo com atividades muito interessantes.

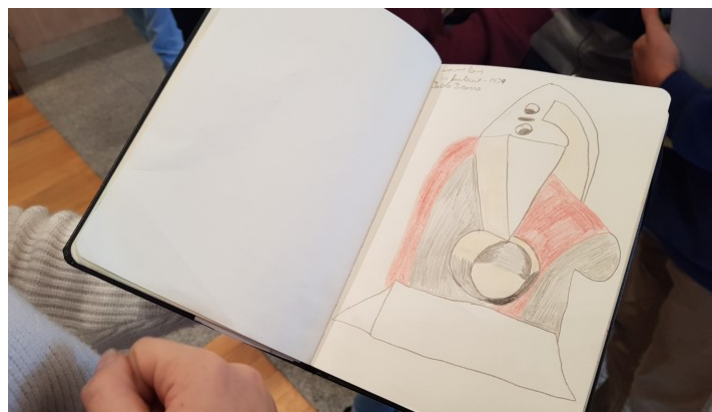
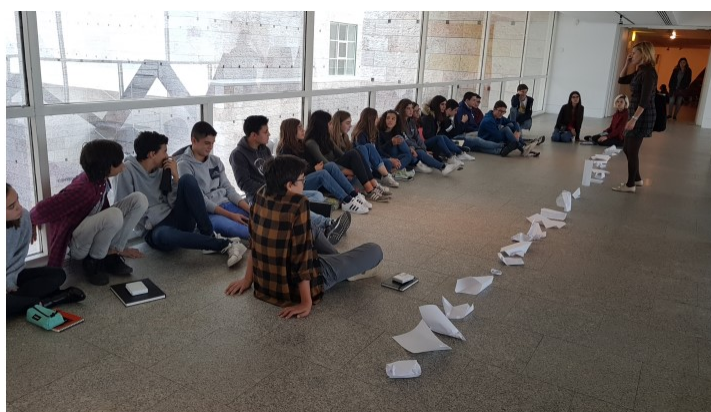
No primeiro período, no dia 7 de dezembro, foram ao CCB numa visita que incluía uma oficina de Diário Gráfico. Cada turma teve uma Guia Orientadora que lhe proporcionou a visita guiada pela coleção permanente e em determinados pontos da exposição lançava desafios para os alunos representarem as obras que tinham à frente, ou construir em outras coisas a partir das obras que estavam a ver. Foi muito giro e desafiante, vários dos nossos alunos

desenvolveram trabalhos muito interessantes e no geral foram muito elogiados pelas Guias que os acompanharam. Os professores da escola que também estiveram nesta visita regressaram super orgulhosos do desempenho dos seus alunos. A alegria no regresso era geral e contagiante devido ao nível de satisfação que envolveu todos sem exceção: tinha corrido muito bem!

Já no segundo período, no dia 8 de março, foram a outra visita de estudo ao Museu Bordalo Pinheiro, no Campo Grande. Também esta visita incluiu uma oficina de desenho. Durante a visita guiada foram abordadas questões histórico-políticas da

época em que se produziram as peças expostas. Uma parte da exposição são peças tridimensionais em cerâmica e outra parte são desenhos e pintura. Não podia deixar de fazer notar a caricatura tão marcante na obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Nas oficinas de desenho, acompanhados por dois artistas plásticos, foram os alunos convidados a desenvolver alguns exercícios de desenho com apelo à criatividade e a um ideário plástico próprio e individual de cada aluno.

Estêvão Vidasinha



A Minha Casa

Foste o primeiro a abrir a porta,
Da casa onde morava,
Ao entrares, deixei-a aberta,
P'ra ti ela não fechava.

Tanto ficavas cá por dias,
Semanas e meses até,
Como desaparecias,
E eu sem saber porquê.

Mas não podia entristecer,
O inverso também se dava,
Quando vinhas p'ra me ver,
E eu para ti não estava.

Mas verdade seja dita,
Repintaste as minhas paredes,
Outrora já quase sem tinta,
Hoje caiadas de verde.

Num dia de data incerta,
Reparei em algo invulgar:
O espaço da porta aberta,
Nada tinha a ocupar!

Roubaste-m'a porta, meu Deus,
Mas não foi um roubo qualquer,
Fizeste do que era meu teu,
Gritei-te "Leva tudo o que queres".

Queria tanto ser roubada,
Sentir como é ser-se d'alguém,
"Leva tudo o que queres,
Mas dá-me tudo o que tens!"

Assim, quando passasses na rua,
Indiferente à minha casa,
Sabia que ainda era tua,
E que era minha a tua asa.

Porque mesmo entre altos e baixos,
Idas e vindas sazonais,
Sonhava ainda c'os teus abraços,
E com os nossos desejos carnavais.

Queria que morasses comigo,
Andava a preparar a mudança,
Mas (nem sei porquê o castigo),
Não aceitaste a aliança.

Das tuas visitas diárias,
E da tua ânsia em me falar,
Passei a sentir distância,
Primeiro indício do acabar.

Soube que tinhas outras amigas,
À porta das quais ias bater,
Dizias-me que só te eram queridas,
E eu de nada mais quis saber.

Mas recordo ainda com agonia,
Quando olhaste pela janela,
Enquanto te contava o meu dia,
Espiavas a Gabriela.

Mas ouve, tu presta atenção,
Amigas claro que devias ter,
Mas se me deixavas na solidão,
Contava ser eu quem vinhas ver.

Em vez disso, foram ao baile contigo,
Baile esse onde odiavas ir,
Disseste que tinhas andado iludido,
E que afinal adoravas sair.

Mas o que eu havia tentado,
P'ra ser a tua companhia a dançar,
Só uma vez me fizeste a vontade,
Enquanto hoje o que não te falta é par.

Nascia Jesus pela enésima vez,
Quando confirmaste as minhas suspeitas,
Tinhas-me pedido dois dias ou três,
Quando cheguei tinhas as malas feitas.

Disseste que te havias cansado,
E daí as pausas frequentes,
Senti-me um enorme fardo,
Entre lágrimas iminentes.

Ao saíres levaste o possível,
(Tudo aquilo quanto era teu)
E, por não ser devolvível,
Guardaste também o meu.

Agora não só já não tenho porta,
Como ninguém que me visite,
P'ra ti já nada disto importa
E saber isso deixa-me triste.

As vizinhas, desde o nosso fim,
Dizem-me querer vir cá beber chá,
Mas esta casa que era só para ti,
Para ti só sempre será.

A tal casa é o meu coração,
E a porta a sua entrada,
Tudo construído em vão,
Saio disto bem magoada.

Anónima

Ó Minha Lua



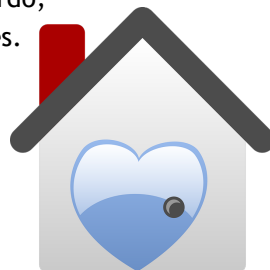
Ó minha Lua,
Que estás a chorar,
Ó minha Lua,
Que tens para me contar?

Ó minha Lua,
Que me fazes dormir,
Ó minha Lua,
Que me fazes sorrir!

Ó minha Lua,
De perto te quero ver,
Ó minha Lua,
Um dia vamo-nos conhecer!

Ó minha Lua,
Sempre te vou amar,
Ó minha Lua,
Agora tenho que te deixar.

Pablo Lobão



O CREM e as Bibliotecas Escolares do Rainha Dona Leonor

O nosso Agrupamento possui, pela primeira vez, três professores bibliotecários por concurso interno, ou seja, três docentes entre os seus quadros com formação em biblioteca, proporcionando uma oportunidade única em desenvolver um trabalho previsto por mais do que um ano letivo. Neste sentido, tem sido desenvolvido um trabalho colaborativo envolvendo o ensino básico, das escolas Santo António, Eugénio dos Santos e Rainha Dona Leonor, numa parceria com alunos de outro agrupamento de escolas (o AE Passos Manuel), através da Escola Básica Padre Abel Varzim, e prevendo-se alargamento oportuno nos próximos anos letivos a outros agrupamentos escolares do concelho de Lisboa. Há um projeto que une as nossas bibliotecas com o nome “A ler e a dobrar, aprendo a estudar”. As atividades têm sido realizadas mensalmente e têm por base a técnica de Origami após a leitura em sala de aula da obra “A maior flor do mundo”, de José Saramago, e desenvolvendo no aluno a capacidade de concentração e a interagirem uns com os outros numa partilha saudável de saberes e de técnicas adquiridas mensalmente. No caso do 2º CEB, este projeto está enquadrado nas disciplinas de Matemática e de Ciências Naturais (pelos Domínios de Autonomia Curricular - DAC, apenas em duas sessões do 2º período). Durante o primeiro período, os alunos do 1º CEB executaram a peça Pomba da Paz, com o apoio especial do professor bibliotecário Paulo Gomes, tendo ficado exposta no CREM durante 6 semanas, acompanhando a exposição Salvar Toda Aquela Gente, em homenagem ao cônsul Aristides de Sousa Mendes. Atualmente, encontra-se exposta na Escola Básica de Santo António, prevendo para breve a sua mudança para a Escola Básica Padre Abel Varzim (também integrada no projeto). O CREM também está articulado com a BE da Escola Eugénio dos Santos, tendo colaborado na organização e na receção da formadora Constança Costa, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, na formação

Pordata Kids, para alunos do 2º CEB, e na formação Embaixador Pordata, para professores dos 3º CEB e Ensino Secundário, na Escola Secundária Rainha Dona Leonor, tendo posteriormente sido alargada a todos os docentes do concelho de Lisboa pela RBE. Terminamos como começamos, em festa pelo alargamento pleno das nossas escolas à integração na RBE, procurando apoiar a utilização de livros e outras fontes de informação, desde obras de ficção a documentários, impressas ou eletrónicas, presenciais ou remotas, afirmando-se que os materiais complementam e enriquecem os manuais escolares, materiais e metodologias de ensino, estando “comprovado que quando os bibliotecários e os professores traba-



Exemplo de trabalho colaborativo em Origami.

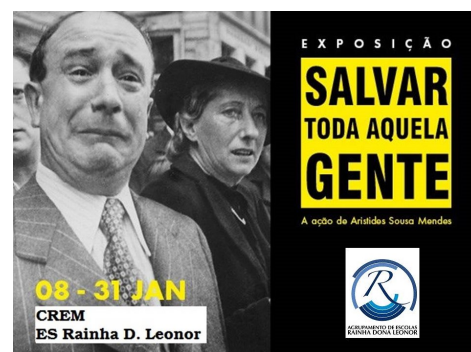
lham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.” (International Federation Librarian Association, 1999) Neste sentido, todos os professores bibliotecários, consoante o seu público, têm-se envolvido em celebrações e temas atuais apresentados aos alunos no âmbito de projetos de vários professores, tais como: Objetivos da Sustentabilidade (via AMI - Assistência Médica Internacional); Escola Embaixadora do Parlamento Europeu; A Discriminação e os Refu-



Pomba da Paz

giados, em Portugal, na Europa e no Mundo, em memória da ação do cônsul Aristides de Sousa Mendes; Violência no namoro; Concurso Nacional de Poesia (via Plano Nacional de Leitura); Pela Cidade Fora (via Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa - EMEL); entre muitos outros eventos articulados, apoiados e/ou desenvolvidos, como por exemplo, o Carnaval, na porta do CREM, e o Dia Mundial da Poesia, em homenagem ao centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen. Finalizamos que toda a comunidade deve ser a mudança que promove as boas práticas educativas, interagindo, articulando e colaborando entre todos os objetivos de aprendizagem de sucesso escolar porque as bibliotecas escolares fornecem “as melhores oportunidades de informação para que todos os indivíduos possam tirar o maior partido das suas vidas como cidadãos ativos, construtivos e independentes.” (Hermínia Pires, 2017, in “O contributo da biblioteca escolar para o reforço da escola inclusiva”)

Paulo Gomes



Cartaz Salvar Toda Aquela Gente

Serviço de Psicologia e Orientação

Mais um período passou, este recheado de atividades como é sempre o 2º período.

Sessões de orientação vocacional com o 9º ano, sessões com os encarregados de educação, sessão de esclarecimento acerca dos exames nacionais em conjunto com o professor Emanuel Frade, Inspiring Future e, já depois deste jornal sair, o Congresso do 9º ano e Opções do 12º, são sempre atividades que requerem muito trabalho mas que me trazem uma grande satisfação ao ver muitos alunos informados, esclarecidos e motivados para o futuro.

Porque estamos numa escola de jovens em crescimento que se vão ajustando à vida em sociedade, já pensando por si próprios e muitas vezes com necessidade de se opor para mostrar que têm mesmo voz, este período temos trabalhado as relações com os outros. Com desconhecidos – nomeadamente chamando à atenção dos perigos da internet, aos alunos do 7º ano – mas também com os colegas, como foram algumas sessões com turmas do 8º e 9º ano.

Aproxima-se a todo o vapor o 3º período e o final de mais um ano letivo. Mas até lá ainda há muito trabalho a fazer, por isso, não há tempo a perder, Boa Páscoa, boas férias... até ao próximo jornal!

Joana França



Gosto de muita coisa,
Mas pouca coisa quero ser
Por isso escolher um curso vai ser difícil a valer.
Desde pequena me disseram que tinha tempo para escolher
Agora estou no 12º e não sei o que fazer.
Pensar no meu futuro é difícil de fazer
Se eu nem sei que amanhã vou comer.

Eu gosto muito de desenhar,
Mas num mundo onde a arte leva à pobreza
Uma casa debaixo da ponte vai ser a minha nova riqueza.

Gosto muito da escola,
Mas a faculdade será melhor
Escolher o rumo da minha vida vai ser o pior.

Gosto de muita coisa ,
Mas pouca coisa quero ser
Está a chegar o dia em que tenho de escolher
Uma casa de baixo da ponte
Ou um vasto horizonte
Saber o meu futuro é difícil a valer
Se eu nem sei o que amanhã vou fazer .

Mariana Barbosa, 12º ano



Carnaval na porta do CREM



Gosto muito de...

Gosto muito de... Aqui está uma frase difícil de se completar. Era tão mais fácil se houvesse um "não" no início desta frase! Não gosto muito de chuva, não gosto muito de frio, não gosto muito das árvores quando as folhas caem; não me vou alongar mais se não esta "lista" nunca mais acabava, mas só para perceberem: cheguei a estas três afirmações olhando apenas para a janela do meu quarto,



enquanto estive um bom bocado a pensar no que realmente gostava. Isto tudo para dizer que infelizmente vivemos num mundo em que ligamos mais ao que não gostamos, aos defeitos e aos dos outros, ao que não temos, em vez de ligarmos ao que realmente interessa: ao que gostamos, às nossas qualidades e dos outros, ao que temos. As pessoas têm de parar de só pensar nas coisas más que há na vida e começar a aproveitá-la.

Gosto muito de...(segunda tentativa), gosto muito da época natalícia. Esta foi uma resposta um bocado clássica, no entanto eu gosto mesmo

muito do Natal. Não pelos presentes, não pela comida, não pelos efeitos que penduramos nas ruas e nas nossas casas, mas sim porque é um dos únicos dias do ano ou talvez mesmo o único em que estou com a minha família inteira sem faltar absolutamente ninguém e não há melhor coisa do que estar com as nossas famílias. Portanto, como dá para ver, não é realmente do Natal que eu gosto, (até porque sou a única na minha família inteira que não acredita em Deus) mas sim do que o Natal traz com ele.

Catarina Neves, 12º ano

O Universo é infinito. Isto significa que a Via Láctea é praticamente nada.

É infinitamente insignificante.

Todos os sistemas dentro dela são duplamente infinitamente insignificantes.

Assim como os planetas dentro deles e todos os possíveis organismos neles existentes.

Por esta ordem de ideias, a Humanidade, como a conhecemos, tende inevitavelmente, inegavelmente e incontornavelmente para a insignificância.

Mas eu gosto de ignorar este nosso irremediável destino e parar de tentar conceber a inconcebível ideia do infinito, para poder ver a Humanidade como um só, no seu domínio.

Gosto do facto de sermos racionais. O nosso corpo é composto de um número finito de células. Mas a nossa mente é um universo infinito de ideias.

Gosto do facto de sermos todos diferentes. De termos aspetos diferentes, de termos opiniões diferentes, de termos qualidades, gostos, defeitos diferentes.

Gosto do facto de sermos seres artísticos. De inventarmos maneiras de falar, cantar, dançar, escrever, desenhar, tocar. De sermos capazes de criar universos imaginários e tornarmos o inexistente existente.

Gosto do facto de termos valores que fazem da Humanidade humana. Da bondade, da solidariedade, da compaixão, do respeito, da honestidade, da amizade, da saudade e do amor.

Gosto de reconhecer aquilo que nos torna especiais, os vestígios de esperança que põem em causa a inevitabilidade do nosso destino.

Gosto de pensar numa perspetiva em que a Humanidade não seja completamente despojada de significância.

Maria João Bogalho, 12º ano

Eu gosto muito de pessoas bonitas.

Pessoas bonitas por dentro, cujos olhos são o espelho da alma, a qual é tão visível como a minha palma.

Almas bonitas são caras bonitas.

Mas caras bonitas não são almas bonitas. No mundo corrupto e sujo em que estamos, a diferença é esquecida e para a miséria caminhos.

O que realmente importa parece distante à medida que as caras bonitas se tornam triunfantes.

No meu mundo já ninguém quer saber e as pessoas à minha volta transformam-se em paredes dum poço profundo, nas quais eu não me posso agarrar nem suspender.

Catarina Fernandes, 12º ano





Gosto muito de...

Desde sempre que o Homem desenvolveu as mais variadas formas de comunicar, sendo a música uma delas, tal como uma das mais importantes, como se verifica pela sua forte presença na história da humanidade, seja em períodos de paz, conflito ou, até mesmo, pela necessidade de enaltecer algo ou alguém. No entanto, a música também tem um papel pessoal bastante importante por ser uma forma de sentir, transmitir e, de certa forma, viajar para outros lugares e momentos e, por isso, posso dizer que gosto muito de música.

Primeiramente, a música provoca emoções no ser humano, conseguindo com que nos sintamos felizes, tristes, confiantes ou nostálgicos. Isto acontece porque quando ouvimos uma música, inconscientemente, o cérebro humano cria expectativas

que poderão, ou não, ser alcançadas e, conseqüentemente, geram prazer ou não. Este prazer poderá então levar-nos para um mundo ou momento completamente diferente da realidade, onde somos apenas nós próprios e as nossas ideias e memórias. Por exemplo, ao ouvirmos uma música que tenha caracterizado a nossa infância, somos invadidos por uma nostalgia que, muitas vezes, nos transporta para essa época, revivendo tudo outra vez. Podemos então dizer que, com a música, nos tornamos imparáveis viajantes do tempo.

Da mesma forma, a música tem efeitos visíveis no mundo e na sociedade um vez que é usada para alertar a população para todo o tipo de realidades e problemas, servindo como motivação à mudança do que é considerado errado. Falando em Portugal, por exemplo, “A Portuguesa”, mais

conhecida por hino nacional, foi escrito na altura do ultimato britânico como um grito de esperança e motivação para a população, provando-se, assim, que a música consegue também mover multidões.

Concluindo, a música tem dois poderes, completamente opostos: o de nos emocionar e fazer viajar devido a essas emoções, e o de nos aproximar do mundo real e dos seus problemas. Por estas razões é que eu gosto muito de música, pois acho incrível como algo aparentemente tão básico consegue ter tanto impacto e poder sobre a mente do ser humano.



Carlota Almeida, 12º ano

Eu gosto de fazer música.

A minha geração é caracterizada por um tremendo crescimento nas áreas científicas, o que levou a um consequente aumento de interesse nestas áreas, e por sua vez a um decréscimo de interesse nas artes. Enquanto aluno de música, olho com uma certa tristeza para este facto, pois o ato de criar algo com valor artístico (quer seja pintar um quadro elaborado ou algo rudimentar como cantar no chuveiro) pode ser de grande valor pessoal pois satisfaz uma necessidade

que cada um de nós tem enquanto seres humanos, a de nos exprimirmos.

Estudar música teve um impacto muito positivo na minha vida na medida em que me permitiu passar por experiências que de outra maneira não podia ter experienciado, experiências essas que me levaram a crescer enquanto pessoa; e também na medida em que estudar música (ou outro ramo artístico) com um certo grau de seriedade é de certa maneira perceber melhor aquilo que faz de

nós humanos, é como espreitar um pouco para o interior da nossa alma.

Gostaria de concluir com a seguinte observação: o êxtase que um artista sente quando compõe uma obra (por mais simples que seja), ou até mesmo após apresentar-se publicamente com o fruto do seu trabalho, é uma sensação incrível, e é uma pena que esse prazer seja desconhecido para tanta gente.

Ricardo Farinha, 12º ano

Tal como Saramago disse uma vez, “A solidão não é viver só, a solidão é não sermos capazes de fazer companhia a alguém ou a alguma coisa que está dentro de nós”, é um estado mental de isolamento, com sentimentos inconscientes de culpa, hostilidade e insegurança, como uma forma de defesa contra traumas, sofrimentos e rejeições vivenciadas na infância.

E apesar de tudo, eu gosto muito de ser solitário.

Obviamente, ser como tal, magoa, corrói e corrompe tudo o que há dentro de nós de uma maneira incomensurável e inigualável. Mas por outro lado, tudo o que não nos

destrói, torna-nos mais fortes. E, tal como Picasso disse uma vez, “Não se pode fazer nada sem a solidão”.

Ela dá-nos uma visão diferente da realidade e da vida, torna-nos mais maduros e conscientes do passado, presente e futuro. Dá-nos a habilidade de olharmos à nossa volta, em câmara lenta e podermos analisar tudo o que acontece, e de transfigurar o real, em pensamentos e sonhos nunca antes realizados, e até mesmo de criar personalidades para partilhar toda esta dor que a solidão nos providencia.

Posso gostar muito dela, mas Pessoa continua a ter razão, “quando estou, Verdadeiramente só, Sinto-me

livre mas triste.”, e não há nada que impeça de me sentir assim, não importa a quantidade de personalidades que eu crie, sentir-me-ei assim, até que a morte me leve, pois a verdade é que “A realidade não precisa de mim”, e sorrio ao saber “que a minha morte não tem importância nenhuma.”

E apesar de tudo, eu gosto muito de ser solitário. Porque tal como eu disse uma vez, “a minha força está na solidão, E sem ela não vivo neste mundo de rendição.”, e essa é a única verdade que eu verdadeiramente reconheço.

Leonardo Botto, 12º ano

Falando ainda das comemorações dos **70 anos da Carta Universal dos Direitos Humanos**, no dia 10 de dezembro de 2018, como o prometido é devido.... Aqui estamos a dar notícias.

As turmas do Agrupamento de Escolas, a saber, a Escola Secundária Rainha Dona Leonor e a Escola Eugénio dos Santos, foram convidadas a responder a um questionário sobre Direitos Humanos disponibilizado através da leitura de um *QRCode* – quem mais sabe deste assunto?

Foram várias as turmas que participaram, do 7º ao 12º ano, muitos foram os que responderam acertadamente, mas em primeiríssimo lugar, pela rapidez na resposta, salientamos

Nas respostas de nível 1 – o aluno **Eurico Serradas Duarte do 7º 3ª.**

Nas respostas de nível 2 – a aluna **Melissa Machado do 11º 6ª.**

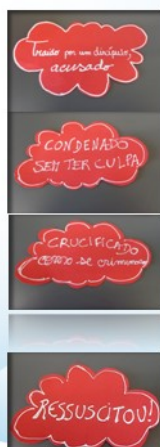
No questionário de âmbito geral, com a aplicação projetada no átrio da Escola Rainha Dona Leonor, o primeiro prémio foi para a aluna **Ana Catarina Oliveira do 10º 7ª.**

PARABÉNS A TODOS os vencedores e também a todos os participantes!

A turma do **6ºB** está a organizar, no âmbito da disciplina de Formação Cívica, uma banca solidária para o dia do Agrupamento, na Escola Básica Eugénio dos Santos, onde farão recolha de bens alimentares e venda de doces e salgados caseiros.

Os alimentos recolhidos e a verba resultante da venda serão posteriormente entregues ao Grupo Sócio Caritativo da Paróquia de Alfragide.

Nos dias 26 e 28 de março, o Grupo Coral RDL proporcionou, às escolas Rainha Dona Leonor e Eugénio dos Santos um concerto de Páscoa



PÁSCOA



PROGRAMA: *Amazing Grace*, *Oh when the saints go marching in*, *Hallelujah medley*, *He's got the whole world in His Hands*, *algumas surpresas musicais e, no final, Oh Happy Day when JESUS washed my sins away.....*

Terminamos como começamos, com amizade

Amigo

Mal nos conhecemos
Inaugurámos a palavra «amigo».

«Amigo» é um sorriso
De boca em boca,
Um olhar bem limpo,
Uma casa, mesmo modesta, que se oferece,
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão!

«Amigo» (recordam-se, vocês aí,
Escrupulosos detritos?)
«Amigo» é o contrário de inimigo!

«Amigo» é o erro corrigido,
Não o erro perseguido, explorado,
É a verdade partilhada, praticada.

«Amigo» é a solidão derrotada!

«Amigo» é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
«Amigo» vai ser, é já uma grande festa!

**Alexandre O'Neill, in
'No Reino da Dinamarca'**